





~~2~~  
~~3~~  
~~97-98~~

# POESIAS

OFERECIDAS

AS SENHORAS BRAZILEIRAS

POR UM BAHIANO.

L

~~6A~~  
~~3219-3220~~

Trop occupé pour corriger,  
Je vous livre mes rêveries.

.....  
J'abandonne l'exactitude  
Aux gens qui riment par métier.  
D'autres font des vers par étude,  
J'en fais pour me désennuyer.

GRESSET.

PARIS, IMPRIMERIE DE S. FARCY,  
rue de la Tabletterie, n° 9.

# POESIAS

OFERECIDAS

ÀS SENHORAS BRAZILEIRAS

POR UM BAHIANO.

L  
3219

TOMO PRIMEIRO.



PARIS,

CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE,

QUAI VOLTAIRE, N° 21.

MDCCCXXV.

REVISED

1870

J. W. BARNES

NEW YORK



AND

PARIS

1870

1870

# POESIAS.

---

AO SNR. MANOEL RODRIGUES GAMEIRO

estando o autor prisioneiro em Paris. 1809.

## ODE.

QUAM tremulo, e veloz raza o relampago  
A liquida planicie, o pensamento  
Do mizero vaguéa.

Como ele fuzila, cega, e passa,  
Deixando inda mais triste, mais horrendo  
Das trevas o negrume.

Qual a espuma da onda em flór quebrada  
Figuras forma, que o momento apaga,  
Amente cazos finge ;

Prothéo de angustias folga de ofrecer-se  
ate os olhos do inquieto amigo ausente  
O monstro da incerteza.

Existe o amigo?... Tornarei a vé-lo?...  
Pós de bronze, entre nós a tirania,  
Barreira impenetravel!...

Nésse charco lodoso em que chafordas  
Dos horrores do crime em tetro gozo,  
Envesga os torvos olhos.

Novos se podés mais, suplicios cria,  
Monstro, o peor de quantos vomitado  
Hão tartareas voragens.

Mas tu irman d'amor, do amigo em face  
Hes, qual o pór do sol em tarde amena,  
E ceo desanuviado.

Na auzencia, ó incerteza! e vós saudades  
Companheiras crueis.... ah! que tormentos  
Dais á doce amizade!

Gameiro, embora os fados me persigão!  
Santas leis d'amizade inalteradas,  
Irão commigo á tumba.

A MEU PAI.

ODE

improvisada ao fugir de França em 1810.

Dos pulsos as cadeias se desatão!  
Da tirania as ferreas portas se abrem!  
Quem he que pode tanto?

A patria, o pai, amigos, os parentes  
Posso tornar a ver? Deos piedoso,  
Graças, senhor, ah! graças!

Sim, n'essas roupas que dão mate á neve,  
N'essa risonha face, reconheço  
A meiga liberdade.

Não, não deliro, ó Anjo bemfazejo!  
Lé no meu coração, aceita as graças  
Que devoto te envia.

Rasgado o negro véo com que o futuro  
Os dias me enlutava: eis as cores  
Do Iris bonançoso.

A mente livre já tem força nova,  
De sobre o coração, cahe dos pezares  
O enorme pezadelo.

Posso inda ser feliz! á patria posso  
Dar os trabalhos meus, ao pai desvelos,  
Amizade aos amigos!

Que! vou ver os lugares onde infante  
Brincava, o tecto patrio, os patrios ares,  
As arvores, os campos?...

Ó pai querido, posso da velhice,  
De filho, e amigo dando-vos cuidados  
Aligeirar estragos?

Do coração o jubilo trasheda!  
De gosto doces lagrimas afastão,  
Dos olhos tristes lagrimas.

Sente-se, e não se dis o que ora sinto!  
Lira, tu não tens sons com que descantes  
D'alma enlevos tão belos.

AO NASCER DO SOL

indo de França para New-York em 1810.

ODE.

Mimosa solidão, maen da saudade!  
Morta parece á natureza inteira,  
Neptuno, Eolo dormem.

Descança o nauta, aquilha não balança,  
Tudo repousa : Marcia vem commigo  
Ver o romper do dia.

Da prata o orisonte a cór imita,  
Inda as estrelas não cahirão todas,  
Inda frouxas scintilão.

Da innocencia, e da paz taes são os dias,  
Em quanto o coração tranquilo vive,  
Sem conhecer Cupido.

Já pouco á pouco o ceo se vai doirando,  
Lá fogem as estrelas, não vés, sentes  
O sol que se aproxima,

Assim antes de amar, amor sentimos.  
D'aquelas nuvens no matiz repara  
Que se não via ha pouco.

Essas que apenas viamos já crescem,  
Mil cores n'um momento perdem, tomão,  
As outras ofuscando.

Assim nasce o ciume, assim se augmenta,  
E sem n'ele atentar, de nós se apossa,  
E amor nos envenena.

Vé como do orisonte reflectindo  
Nas holicosas ondas o aureo esmalte,  
No ceo, no mar fulgura!

Tal ao nascer d'amor, amor só brilha,  
Más apar d'ele occultos vem seus damnos  
Que cedo, ou tarde matão.

Já lá desponta ó sol, como se alonga,  
E como se arredonda! deixa a custo  
As travessas Nereidas.

Lá se destaca luminoso globo,  
Suspendido na abobada celeste,  
Serena lús derrama.

Já todo o espaço ocupa, e ainda o fitas  
Sem que deslumbre; assim amor do peito  
Se apossa sem que o sintão.

Ah! lá dardeja refulgentes raios,  
Se o fitas, de mil soes de cores varias  
Cheio parece o vacuo.

A suspeita, o ciume, assim fascinação  
Amor, se da razão a pár não marcha,  
Se a amizade o não guiã.

A NOITE

No mar em 1810 indo de França para New-York.

Tu dos amantes silenciosa amiga,  
Que d'Amor os misterios apadrinhas,  
Mais doces, quam dificeis.

Tu de quem o silencio favorece  
Meditações profundas; que do sabio  
Hes o tempo querido.

Engrossa as trevas, enegrece as ondas,  
Noite, outr'ora de risos companheira,  
Sé hoje de suspiros.

Teu manto de brilhantes semeado,  
Que me aprazia contemplar outr'ora  
Em pensativo arroubo;

Do teu astro essa luz tão maviosa,  
Que aos meus os olhos do meu bem mostrava,  
Mais do que'la suaves.

Os fagueiros melindres, os carinhos,  
Mais brandos que de Zefiro o bafejo  
Que te adoça no estio.

Prazeres e tão vivos, e tão varios,  
Quaes em cores os circulos que cingem  
De Cinthia a redondeza ;

Fayores que avarento cala o peito ,  
Qual o silencio teu então calava ,  
D'elles só testemunha ;

Ah! não me lembres, não, mudem-se ó Noite,  
Doces momentos em tristonhas horas,  
Em lagrimas os risos.

Ó despotas d'amor divinos olhos,  
Lingua do coração, sim, eu te amo,  
Diceste antes que os labios.

Como d'amor pintaveis os enlevos,  
Extasis que sem vós dentro no peito  
Abafados ficarão?

Augmenta-se o prazer, prazeres dando,  
E vós da amada delatando os gozos  
Juntaes ao nosso os d'ela.

Mais o pejo esconder procura os gostos,  
Mais indiscretos sois, doces traidores  
D'amorosos segredos.

Em languidos requebros quando... Oh! longe,  
Longe moles lembranças, que enfraquecem  
O peito nos perigos.

Ancioso pela patria, a patria busco :  
Quaes d'ela são meu braço, e a vida, sejam  
Meus pensamentos todos.

Ó Noite, manda favoráveis auras  
Que o espaço encurtem : Ah! ja são mui longos  
Tão miseros erros.

A SAUDADE.

indo de França para os Estados-Unidos d'America  
em 1810.

ODE.

Tu que n'auzencia privações disfarças,  
Enganoza atracão levando amente  
Aos sitios da ventura,  
Que minoras o mal, nos ais que exhalas,  
E sabes dár ás lagrimas que vertes  
Agradacão do gozo.  
Vem querida Saudade, espelho fido,  
Em que Amor ante os olhos da lembrança  
O bem passado oferece.  
Ó venturosa Lua que os lugares  
Vás de meus gostos ver, este suspiro  
Toma, e n'eles derrama.  
Dize-lhes onde estou; que só me deixas  
Por tristes companheiras, noite, vagas,  
E o desabrido noto.

Vai , dos formosos lumes de Marilia ,  
O sono pouco a pouco desprendendo ,  
E languidos abrindo ,

Vai , e n'esse momento perguicozo ,  
Em que os requebros do celeste corpo  
Vires , mal acordado ,

Dize-lhe docemente , porem n'esse  
Mudo falar que os labios não conhecem ,  
Que os olhos só comprehendem ,

Dize-lhe!... a tirania com que matas  
He mui doce ó saudade ! basta , vai-te ,  
Se me não deixas , morro .

Ó d'auzencia cruel querida amiga !  
Tão vivas recordar gratas memorias  
Bem he , peior que o mal .

He dar amargo fel em taça de oiro ;  
Dobra o mal do infeliz do bem o aspecto ,  
Basta , não mais saudade .

A MARCIA.

ODE.

Philadelphia, 1811.

Le feu qui semble éteint souvent dort sous la cendre

*Rodogune*, CORNEILLE.

Am! inda existo, o peito inda se inflama!

Am, amar inda sei, renascer sinto

Amor! Cupido graças!

Supito estava amor nos dissabores,

Hoje revive o germen que mantinha

O coração que he d'ele.

Ah! não podia amar, amor sentindo,

Morto vivia, porque he morte a vida

Que d'amor se não nutre.

Teus meigos olhos de minha alma enlevo;

Labios de ardentes bejos cubiçosos,

Amor desafiavão;

Nos braços te estreitava, mas na idéa;  
Matando amor futuro pezaroso,  
O coração gelava;

Se adormecer amor o pezar pode,  
Mais vivo torna quando os males cessão;  
Como te quero ó Marcia!

Vem, ó meu bem! vem ver como afastando  
As magoas, o pezar, amor contigo  
Do coração se apossa!

Se amo de Nize os olhos, são teus olhos,  
Se de Tircea o corpo, são teus modos  
Que n'elles vendo adoro.

Que vale que de ti divise encantos  
A qui, e a li dispersos! e que importa  
Vér mais raras belezas!

Só tu reunes graças porque morro!  
Qual me namora mais dizer não posso,  
Sei que hes tu que me encantas.

Duplicação o prazer passadas magoas,  
Ah! vem gozar das chamas amorozas  
Que reviver fizeste.

ODE A BELEZA,

oferecida a Mlle B, filha de Guadelupe.

New-York, 1811.

Dos olhos enlevo, alma do peito,  
De corações ó despota querida,  
Dos bens da vida cauza!

Reite os votos meus, assim tão puros,  
Como os que dás prazeres inefaveis,  
Ó divina Beleza!

Se por um favor teu dás mil desgostos,  
Que importa? Um favor teu, não dá mais gosto,  
Que pena teus tormentos?

Os desgostos que dás medir-se podem,  
Mas os prazeres não, sempre são novos  
No favor concedido.

Na mesma tirania hes deliciosa,  
Se um instante a tormenta, he para dar-nos  
Mais gostosos momentos.

Os caprixos, desdens, ciume, enfados,  
São incentivos, precursores tristes,  
De amoraza alegria.

Se as nvens ofuscar o sol parecem,  
Quando as dissipa e surge, mais brilhante  
A vista se afigura.

Vem no meu coração ver como imperas!  
Vem só, ah! vem qual hes, vem como as on  
De Gnido a Deosa virão?

Quanto mais nua, tanto mais agradas:  
Se disfarçar defeitos pode o adorno,  
Dá quebra á formosura.

Essa arte só que falta d'arte finge  
Emprega, sejam postos teus enfeites  
Pela mão do descuido.

Em roupas de manhã deixando oleito,  
Antes que o toucador te insulte, encantas  
Qual leda madrugada.

Quasi despida, destocada Venus,  
Ante as rivaes no Ida se apresenta,  
E Paris não balança.

Não empregues Beleza alheio adorno ;  
Da Lua o brilho nota como he baço ,  
São emprestadas cores.

A teus pés vés curvado o mundo inteiro  
Contente de render-te vassalagem ,  
Tão grato he teu dominio !

E se existe um mortal que te resista ,  
Pena as formas de Lilia , e entóa afoita  
O hymno da victoria.

A MADRUGADA.

ODE

feita em Philadelphia, 1811,

VEM ó tu do meu bem fiel retrato,  
Precursora do sol, qu'ele mais linda,  
Serena Madrugada!

Retem de Phebo os fervidos ethontes,  
Tua suave claridade alonga,  
A forte luz deslumbra.

Envergonhão amor do sol os raios,  
O pejo augmentão, que se á amor dá vida,  
Os seus favores matã.

Macia escaça lús, meigo silencio,  
São d'amor os queridos companheiros,  
Amor quer o misterio.

Tu moves sentimentos maviosos,  
Reve-se em ti o amante, e ve d'amada  
As gostozas meiguices.

Nutrem modesto amor puros carinhos,  
Doces nadas, fantastica esperanza,  
Engano venturoso.

Levar o coração de enlevo, a enlevo,  
Eis o que amar se chama, o mais he Venus  
Nas redes de Vulcano.

O auge dos prazeres he dilirio,  
Ve o gozo decahe, o enlaro nasce  
Das ruinas do pejo.

Girão dezejos do fastio em torno,  
Se a fagueira esperanza os não a fasta,  
Se o tocão, emurchessem.

Qual hes do Ceos o mais mimoso adorno,  
Madrugada! He d'amor oceo, a gloria  
Amar, se amor he puro.

Quem, poderá pintar os teus encantos  
Das trevas fim, da luz gentil principio,  
Bonita Madrugada!

O ondeante verde prado como alegre,  
O matiz das boninas, que realça  
O aljovar que entornaste?

O bosque!... mas do sonho deleitoso  
Quem me desperta? Porque tão azinha  
Vens ó dia importuno?

Porque as portas d'oriente patenteaste  
Do sol aos resplandores, Madrugada,  
Porque tão cedo partes?

Os deleites que n'alma se espraivão  
Comtigo todos vão : já me incomoda  
De Phebo o quente lume.

Tão veloz foge do prazer o tempo ,  
Quanto entristece dos passados gostos  
A saudoza lembrança.

---

AO CHEGAR A BAHIA INDO DE NEW-YORK.

1811.

ODE.

SALVE ó berço onde vi a luz primeira!  
Risonhos montes, deleitosos ares!  
Eu te saúdo ó patria!

Como no peito o coração festeja!  
Tudo me sinto outro: são delicias  
Quanto em torno amim vejo.

Tem outro ár o Ceo, outro estas arvores!  
Por onde adeja Zefiro embalsama!...  
Dá que te beije ó terra!

Deste que só tu dás prazer, tres lustros  
Privado, qual proscrito arrasto a vida  
Em forçados erros.

Ó quanto da ventura o ledó aspeito  
Das passadas desgraças a lembrança  
Nos apresenta viva!

Não ouvera prazer se a dór não fora ;  
Perene facil gozo , toma a essencia  
Da fria indiferença.

Aqui foi que eu nasci , devo a existencia ,  
Devo tudo o que sou á ti ó patria !  
Eis-me , he teu quanto valho.

He nos trabalhos que no peito ferve  
O nobre patriotismo : o braço , o sangue  
Aqui te entrego .ó patria !

A SNR. D. G. NO RIO DE JANEIRO.  
1812.

Felice qui vi mira  
Ma piu felice qui per voi sospira.

ODE.

Pode o Averno abrandar, e póde em Thebas ,  
A pedras agitar tangendo a lira  
D'Euridice o esposo.

Os moveis das paixõens a sabor toca ,  
Sou terno , ardente sou , Segundo agrada  
A magia d'armonia.

Como ferindo o ár, o peito fere  
Não se explica, sentimos, e gostamos  
Do arroubo dos sentidos.

Seu divino poder dobrou de graças  
Furtando Amor á Euterpe a lira d'oiro ,  
E entregando-a a Gertruria.

Em suave descuido o corpo airozo ,  
No cubiçado seio brandamente  
A lira reclinada ,

Movem cordas sonoras niveos dedos....  
Em extasis vacilo quem mais goza,  
Se os ouvidos, se os olhos.

Celeste canto solta, e mais se animão  
Do lindo rosto as graças, que no peito  
Doces paixões acendem.

Núm languido volver, nos meus que os buscão,  
Parão seus olhos, que a vontade prendem,  
Em terno cativoiro.

Quanto a muda expressão d'uns lindos olhos,  
Entende co'alma!... Sim Gertruria um nome  
Eu sou, se os teus não mentem.

Tem cada modo seu diverso agrado,  
Graciosa rindo, bela quando fala,  
Sempre, sempre adoravel.

Felís quem de Gertruria teve un mimo,  
Felicissimo aquelle que em sua alma  
Tiver fagueiro abrigo.

AO SNR. VICENTE NAVARRO.

Rio de Janeiro. 1812.

Amitié, doux penchant des mortels vertueux,  
Le ciel te fit pour l'homme et surtout pour le sage.

ODE.

TEU preço não conhece o vulgo ignaro,  
Gentil filha do Ceo ; rendem-te cultos  
O virtuoso, o sabio.

Ó tu melhor dos bens, santa amizade !  
Redobras no prazer, nas magoas cresces,  
No coração do amigo.

Quando espojava, os olhos envesgando,  
No lodaçal de horrores, torvo monstro,  
E as garras nos lançava,

Quando foi crime o são patriotismo,  
Ante esses olhos mil d'Argos nefando,  
Balançou-se um momento ?

Quando iludindo vil Prothéo de crimes,  
Neptuno debelámos, a amizade  
Era quem nos mantinha.

Quando a calúnia torpe!... Ante o Rei justo,  
A virtude curvar não pode ao crime,  
A virtude triunfa.

Já do futuro incerto roto o manto,  
Brilhe a alegria; de Cabral nas plagas  
Festegemos teus annos.

Fervilhe no cristal roseo champagne,  
Dos amigos auzentes, das amadas  
Ergue, Navárrro, o brinde.

---

A ESPERANÇA.

ODE.

No mar indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1813.

SE o orfão, se a viuva a rosto enxuto  
Vêm dos despojos seus ornar-se o iniquo ;  
Se o perverso exultando oprime o justo ,  
E a justiça não brada.

Com tigo ri nos ferros a innocencia.  
Se ao crime pezão, a virtude adornão ;  
Do máo punge o remorso n'abastança  
O peito que abandonas.

Se malogradas do cultor as lidas ,  
A sorte maldizendo, lhe prometes  
Novas primicias, de fadigas novas,  
Contente abraça o arado.

Meiga Esperança do infeliz no peito  
Quando entornas teu balsamo, consolas  
Qual marchetada Aurora a levantando  
As cortinas da Noite.

Quaes os monstros que as nuvens a figurão,  
Nebuloso por vir antolha amente,  
Tu chegas, e contigo as magoas fogem,  
E o futuro se doira.

Já prestes a ceder á má ventura,  
Tua vós do infeliz n'alma ressoá,  
E qual Iris do nauta o rosto alegre,  
O animo lhe escóras.

Mostras no bem perene que prometes,  
Do precario a diferença, e nos ensinas  
Os homens o que são a pár dos Numes,  
Essencias comparando.

Se o desgraçado sabe quanto enganas,  
Como prometes bem, e o bem não goza,  
Gosta de se iludir, gosta de crer-te  
Querida mentiroza.

Se ventura não hes, tens os seus traços,  
Se enganas, hes no engano lizongeira;  
Sem ti fora chimera a liberdade  
Em que a patria inda espero....

Eia ilude-me sempre, dá que eu julgue  
Verdades meus delirios: não me deixes,  
Só tu me restas lizongeira amiga,  
Ah! bem haja Pandora.

A MELANCOLIA.

No mar indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1813.

ODE.

CHAME embora prazer a mente stulta  
O enfadonho motin das sociedades,  
Imagine gozar quando se aturde  
Na importuna alegria.

O perfeito prazer mais que do gozo  
Deixa á pós si delicia duradoira,  
Que longo tempo a mente saboréa:  
No gozo a d'ele expira.

Em quanto da ilusão se nutre o vulgo  
Oh! como he doce junto á clara fonte,  
No verde manto do Salgueiro envolto,  
E Marilia na idea,

Ver a maçia luz que Cinthia espalha,  
O bafejo sentir com que Favonio,  
No bosque silencioso agita as folhas,  
Convidando os suspiros!

Se um barco alveja então sulcando as aguas,  
E se vai pouco a pouco separando,  
Do apartamento imagens que desperta,  
Poem no quadro a Saudade.

Mimosa companheira da ternura,  
Do mal ao bem passagem feiticira,  
Suave agitação, em qu'alma goza  
Sem esse afan do jubilo.

Prazer que tens de dór feições mui fracas,  
A tristeza te apraz, os ais te agradão,  
São gostozas as lagrimas com tigo,  
Doce Melancolia.

Só delicado espirito aprecia  
A delicia que dás, tu não te mostras  
A escura multidão de humanos rudes,  
E vulgares amantes.

Mais queres do que amigo, terna amiga,  
No coração de quem meiga te entornes,  
Mais delicada, melhor sabe a lingua  
Que dilata as delicias.

As tuas misturar sabe uma lagrima,  
Que filtra ao coração : da frauta sente  
Os mayiosos sons, que suspiravão  
Metastassio, e Tibulo.

Suave Lilia assim passei com tigo,  
Quando depositava no teu peito  
Uma vez os desdens, outra as meiguices  
Que Marilia me dava.

Sempre que te busquei, consolo tive,  
Contando-te meus gostos duplicavão,  
Eas magoas repartindo, nos carinhos  
Minoradas sentia.

Em pranto beijo os maviosos versos,  
Que fino tacto, e as graças te dictarão;  
Do espirito a polidez, d'alma a candura  
N'eles saudoso admiro.

Porque fora dos máos, os bons unidos  
Qual nos Elisios, cá, viver não podem?  
Porque he forçoço, ó Lilia, que dos mares  
O espasso nos separe?

Arte divina que a distancia ilude,  
A escrita, ó Lilia, supra-nos as vozes,  
Sempre, sempre de ti, dos teus me fala,  
E as vezes de Marilia.

A GRATIDÃO.

No mar em 1813.

ODE.

PARA fazer o bem ternura basta,  
O dó despertão do infortunio as queixas,  
Ao bem fazer nos leva oculta força,  
Que a desgraça acompanha.

Tal prazer se experimenta o bem fazendo,  
Que he fazer mal a si privar-se d'ele;  
Longe dos homens coração de ferro,  
Se o que digo não sentes!

E nem da ingratição, para disfarce  
Do gelado egoismo, armar-te busques;  
Não fora tão gostosa a humanidade,  
Se os ingratos não fossem.

Melhor que o bem fazer so tu conheço  
Ó nobre Gratidão! Se hes menos doce,  
Do beimefeitor o aspecto olhar sem pejo,  
Tem do sublime assomos.

Fas superior a outro o beneficio,  
A idéa de inferior fere a philaucia,  
Exaspera o equilibrio mal guardado,  
Da balança da sorte.

Ensovalha o favor se vem do orgulho,  
Abafa a gratidão ; se vem do honesto  
Delicadeza o enfeita, alegre, e perde  
Do favor o ressabio.

O pobre não coteja os seus farrapos  
Có brocado do rico se o merece,  
Da bem fazeja mão a esmola aceita,  
Qual don da divindade.

He tão belo em segredo ornar de pranto  
O beneficio , quanto ao que o recebe  
Có a voz da gratidão alto dize-lo.  
Assim ambos se honrão.

---

A VIRTUDE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia. 1813.

ODE.

O homem co' a invensão supera o bruto,  
O impulso das paixões có a razão doma,  
Amor o faz humano, a honra proba,  
Ornalhe a mente o estudo.

Mas no olvido dos seculos a morte  
Tudo some, se vós porção do Eterno,  
Vós qu'ao Eterno semelhaes o homem,  
Não lhe endeuzaes o espirito.

Da omnipotencia a Mão sinto elevar-me,  
Fora me julgo da fraqueza humana,  
Quando falas virtude; e ao mesmo Eterno  
Cuido tocar de perto.

Se a força ao cadafalso o justo arrastra,  
Cahe das mãos do juiz das leis a espada,  
Córa a injustiça, treme a tirania,  
E ant'ele réos parecem.

O perigo, a miseria ant'ele embora  
A enorme catadura açanhe, afeie,  
Baqueie o mundo embora, entre as ruínas  
Serenos altea a frente.

A seu mal impassivel, terno ao d'outrem  
Não goza se outro sofre, a dór espreita  
E os bens que fás com lagrimas ornando,  
Nunca insulta o infortunio.

De-rojo, quando vil serpeja o crime,  
Brilha, qual resplendor de luz celeste,  
Na eterea região o espr'ito a deixa  
A tudo sobranceiro.

O que ao vulgo deslumbra desdenhando,  
Da Fortuna ouro-pel, n'adversidade  
De fingidos amigos não espanta  
O refalsado rosto.

Sem ti nobres paixões se tornão vicios,  
He concluio a amizade, amor licencia:  
Grasna o remorso se emudece o crime  
No peito do perverso.

Na vida o máo do bem goza arremedos,  
Na morte os crimes em tropel o esmagão;  
Todo he remorso então : có a morte o justo  
Melhor vida recebe.

He da vida no termo, he na desgraça  
Que desfeitos do engano os vãos fantasmas,  
Chorando os devaneios, porem tarde,  
Pela virtude exclama.

---

A AMIZADE.

Indo do Rio de Janeiro para a Bahia, no mar 1813.

ODE.

SUAVE inclinação d'alma sensível  
Do sabio apreciada, e mais querida  
Do homem virtuoso.

Tu que do amigo ao lado o gosto augmentas  
E a poucas o pezar: mimo do Olimpo  
Carinhosa Amizade,

Do puro coração deleite, e vida,  
Irman d'Amor; sem venda, sem archote  
Sem agro de ciume.

Mais do que amigo, só conheço amiga:  
De seu sexo meiguices privativas  
A Amizade requintão.

O amigo he outro eu, no amigo-existo  
E o laço encantador que as almas prende,  
Es tu nobre Amizade.

N'Amizade o favor desaparece  
São gostoso dever os sacrificios  
Tudo merece o amigo.

Para salvar o amigo o pr'igo esquece,  
A sanha da desgraça afronta , e a morte  
O animo sublime.

AO SNR. PAULO JOZÉ DE MELLO,

então em Lisbóa. Paris, 1806.

EPISTOLA.

Heureux qui vit en paix du lait de ses brebis,  
De leur simple toison voit filer ses habits,  
Qui soupire en repos l'ennui de la vieillesse  
Aux lieux où pour l'amour soupira sa jeunesse.

RACAN.

VENTUROSO o mortal que longe vive  
Do tumulto enfadonho das cidades,  
Que de Flora, e de Ceres dado ao culto,  
Nos campesinos bens delicia encontra:  
Claros, tranquilos os seus dias correm,  
Como a limpida linfa que o sacia.  
Mimos da prole, afagos da consorte  
Doce lhe tornarão da idade o pezo.

Sem a opressão que o espirito aniquila,  
He no teu seio que do genio as molas,  
Mostrão quanto vigor lhes deu natura.

As leis que a illustre Roma fés ditosa,  
 Foi no teu seio que estudou Pompilio.  
 Vós campos Mantuanos inspirastes,  
 Ao sublime cantor sublimes versos ;  
 Nas margens do Mondego, ou nas do Ganges ,  
 Foi que Apolo baixou a ter com tigo  
 Camões, grande Camões, genio divino.  
 Murchão na frente dos heroes os loiros ,  
 Os monarcas baqueão do alto solio ,  
 Esbroão raios empinadas torres ,  
 Grandezas, honras , titulos acabão ;  
 Mas teu nome Camões transcende o olvido ,  
 Qual as eras eterno, he sempre novo.  
 A morte destruir não pode o genio,  
 Porção sagrada qu'emanou do Eterno.  
 Gostosa solidão da pás morada!  
 Gerão , arreigão n'alma tuas auras ,  
 Virtuosos altivos sentimentos.  
 Provem da tirania os vicios todos ,  
 E tu da liberdade o stadio ofreces.

De momento em momento un quadro novo ,  
 Mandas risonho captivar os olhos.  
 E que de vós privado sorte adversa !...  
 Homens que só de humano a forma tendes ,

Entes qu'ensovalhaes a natureza,  
Dos fados apezar hei-de fugir-vos.

Foge o Paulo d'estranhos climas foge!  
Vai no lindo Maré gosar da vida.  
São vistas as demais, vista uma corte.  
Por cá verias quanto lá tens visto  
D'afidalgados Mydas a cohorte,  
Expressões só dos labios, falso rizo.  
São tão raros os bons por toda parte,  
Como por toda parte os máos abundão.

O velho habitador do velho mundo,  
Prazeres naturaes tendo es gotado,  
Acomode a seus vicios seus prazeres:  
Mas quem n'um mundo novo origem teve,  
Vá no seu mundo ter prazeres novos.  
Viçosa Natureza nos circunda,  
E velhos hemos ser onde ela he moça?

Afasta ó sabia mestra! ó maen dos entes!  
De mãos ingratas teus perenes mimos;  
Arem filhos ingratos, terra ingrata.  
Inda bem que os deixaste, e o Mundo Novo  
O teu querido he, com nosco habita!

Paulo, consulta, lé, nudita estuda,  
 O livro que ante os olhos tens patente.  
 Arando as terras examina os sulcos,  
 Seméa, e da semente segue o curso,  
 Como rebenta o germen, como cresce,  
 Que tempo, que terreno mais lhe quirdra,  
 Se o fundo ou flor da terra mais dezeja;  
 Se linfa te pedir busca regala,  
 Se o sol lhe cresta a face da-lhe sombra.  
 Ou da poda, ou do enxerto espreita a quadra,  
 Do tronco a consistencia, eo parentesco,  
 Quando a flor desabroxa, e em botão fexa.  
 Consulta da semente amadureza  
 Antes que da colheita alida encetes.

Dos novillos escolhe o mais formoso  
 O cordeiro o mais forte, e da progenie  
 O curral povoar pertensa á estes.  
 Como os fructos melhores torna o enxerto,  
 A melhora-se a grei cruzando as raças.  
 Limpeza nos rediz jamais faleça,  
 Onde abrigados os rebanhos durmão.  
 De plantas nutritivas farta os pastos,  
 E cuidadoso das más busca expurga-los.  
 Na tosquia a tisoira a pele evite.

Dos bois o pasto separado seja,  
 Do pasto em que outra grei tira o sustento,  
 Ou primeiro que os mais, o boi só pasce.  
 Males proprios ao clima, á especie proprios  
 Devem ser estudados junto ao inferno ;  
 He do cultor o gado a grão riqueza.  
 Na pratica verás mais que nos livros.  
 O velho lavrador consulta atento,  
*Pois inda que em sientes muito cabe,*  
*Mais em particular o experto sabe.*  
 As cortes desdenhando, e seus fantasmas,  
 Na patria herdade assim tranquilo vive,  
 Quem de cuidados taes prehenche os dias.

Ver novas gerações, melhores outras  
 Pelos desvelos seus, quem mais cubica?  
 De casal em casal seu nome passa,  
 Com ele correm as idéas suas,  
 Enriquecendo a patria, a si, aos outros,  
 Deixa nos corações grata saudade.  
 Povoação, commercio, artes, sciencias,  
 Mudão, mudando de cultura a terra.  
 Dos imperios a sorte está no arado,  
 Não consiste na lança a força d'eles.  
 Lagrimas banhão da victoria o carro,  
 O triumpho em segredo o Eróe prantéa,

Luto succede da victoria aos vivas.  
 Essa arte deixa que natura en luta,  
 Abraça a-outra que natura adorna :  
 Gloria, prazeres, pás , ventura encontra  
 Quem das cortes fugindo, o arado abraça.

Parte para Maré , e seja um dia  
 A Ilha de Maré de Venus ilha,  
 Da virtuosa esposa os mimos goza ,  
 A velhice da Maen suave torna .  
 Espera o B... que saudoso fica  
 E amão do pai beijar , do amigo as faces ,  
 Em breve tempo correrá contente ,  
 E das cortes mofando, e seus enganós ,  
 No patrio ninho que adoramos ambos ,  
 Da pás e d'amizade no regaço ,  
 Dias felices passará com tigo ,  
 Uma yés da ventura o rosto vendo.

AO SNR. FRANCISCO FRIERE,

Religioso Graciano em Coimbra.

Paris, 1806.

EPISTOLA.

QUANDO elevar o animo abatido  
Do Luso Ouvidio buscas; e magoado,  
Quando em saudosa vós o irmão pranteas,  
Leio em teu coração, lendo teus versos.  
Bem gostosas lembranças me acordarão!  
E qual sohia em quadra mais ditosa,  
Quis em verso escrever-te, más debalde.  
A fugentão da chimica os máos cheiros,  
Deosas afeitas â suave aroma.

Tento a empreza difficil, e do sena,  
As margens do Mondego, ahí vão meus versos.  
Sem novas tuas dice, o tempo leyão  
Do Parnazo os correos, aos de França.  
Más se aescaés provem porque tresbordes  
De limfa d'Aganipe, ou porque fófo  
Dos fóros do Permeso, imitar queres

Aos que ostem de outra guiza ; não esqueças  
 Que he lhano, he social o irmão das Muzas,  
 Qu'entre os homens vivéo guardando cabras ;  
 Ese no Pindo de peão me tratão  
 Hei petição na pasta de Minerva  
 E quiça que um brazão me seja dado !  
 Dão vias desiguaes igual nobreza,  
 Como do Pindo ao Templo da Memoria,  
 Dos Paços de Minerva, he curto o atalho.

As ilhargas com rizo aqui te estoirão!...  
 Ilusorio poder da fantasia,  
 Que seria d'aqule que as prestanas  
 Das chamas da Candéa vé lambidas,  
 Rheumatismado o peito, a vista curta,  
 E os bens em cartapacios drogas, cacos,  
 Ah! que seria d'ele, se não fosses?  
 Mas com tigo, da sorte os dons desdenha,  
 E vai seu nome abrir no fim das eras.  
 Que vale que d'Achiles, que de Gama,  
 Os ilustres cantores mendigassem,  
 Que na masmorra Galiléo, que o genio  
 Em ti Lavoisier no Cadafalso!...  
 Se da roda dos seculos seus nomes,  
 A carreira veloz robustos parão.  
 Ahi tens do estudioso o nutrimento,

Tirem-lhe as ilusões que o tem perdido,  
Mas de tal nutrição o gosto he fino.

Mostrei teus versos a Filinto Elysio,  
Que depois de pitadas sorver quatro,  
O canto mavioso alto entoando,  
De momento em momento dava um bravo,  
Viva, o novo poeta repetindo;  
Vivas, tornavalhe eu, e amigas palmas,  
De jubilo exultando, rebatia.

Com selo magistral o Luso Horacio,  
Depois de registrar, marcou teus versos:  
« Zoilos tremei, posteridade hes minha »  
Ao bravo de Filinto dice Elmano,  
Bravos te dá Filinto, que mais queres?

E em quanto em aureo plectro vás cantando,  
Nos fornos os cadilhos candescendo  
O metal fundirei com que teus versos,  
Eterno styreotypo multiplique.

---

AO SNR. D<sup>r</sup> FRANCISCO ELIAS RODRIGUES  
DA SILVEIRA.

EPISTOLA

Dirigida de Paris á Lisboa em 1806.

OLHOS vendados, e bordão na dextra  
Co' as doenças jogando a cabra cega,  
Certo mordás pintava a Medecina.  
Era o empirismo, e o nome confundia.  
Como có a natureza conversava  
Hipocrates outr'ora, e Elias hoje,  
Se osoubesse, do quadro coraria.

Manes de Boherrave se insultados,  
Fostes por charlataens, corre a vingarvos  
O profundo Silveira. Em debandada  
Perdido o passo grave, eilos a trote,  
O embrulhado vasconso deslindado  
Amascara cahio, eilos por terra.

Graças Silveira recipes cordatos,  
Tristes doentes livrarão da tumba;

Gatos-pingados hão de tersueto,  
 E os sinos mudos penderão nas torres.  
 Mas leva o teu saber á patria nossa,  
 Onde a luz recebeste, aumenta as luzes.  
 A natureza virgem mil segredos  
 Tem que dizer-te, quer falar com tigo.  
 Cuidosa semeou com mão prudente  
 O antidoto eficaz junto ao veneno:  
 Contem cada paiz quanto lhe cumpre,  
 Remedios proprios tem, se males proprios  
 He do medico sabio o pesquisalos.  
 Distila, rala, piza, queima, infunde  
 Combina, simplifica; não descances,  
 Por abrolhos se vai da Gloria ao templo.  
 Campo ás experiencias tens fecundo;  
 Da natureza emflór doces primicias  
 Terás, com que teu nome eternizando  
 D'Epidauro asciencia enriquecendo,  
 Avida curta alongarás ao homem.  
 No Mundo-Novo, novos bens espalha.  
 Parte, das Belas não te empessa o pranto:  
 Perder de vista uns olhos feiticeiros,  
 Um sorrizo que o peito queima, custa,  
 Mas da Fama o clarin alto ressóa,  
 Nas almas quaes a tua, virtuosas  
 Ó patriotismo abafa as paixões todas.

**De Gameiro , de Paulo , d'Oliveira ,  
E aos d'esses poucos mais fidos amigos ,  
Juntem-se exforços nossos e da patria  
Vamos bem merecer , morrer por ela.**

---

AO SNR. MANOEL RODRIGUES GAMEIRO.

EPISTOLA

dirigida de Paris a Lisboa em 1806.

De mes jours orageux tu charmeras le reste ;  
Je chanterai partout et ton ame, et ton cœur,  
Et partout l'on dira : constant dans le malheur,  
L'un des deux fut Pylade, et l'autre fut Oreste.

EMBORA os homens queirão, queira a sorte,  
O doce d'amizade em fel tornar-nos :  
Lacos que o ceo formou romper não podem.  
Nos nossos corações tomas raizes  
Da provada amizade o calo honroso.  
Embora raivem que d'amigos, ambos  
Hemos de conservyar sagrado o nome.  
Como os annos nas más arreiga os crimes,  
Nas almas puras a virtude firma.  
Na idade em que as paixões nos ferem leves  
Tinha culto a amizade em nossos peitos ;  
De suas leis ignaros verdes annos,

Suave inclinação nos ajuntava,  
Não era conhecida, e tinha ensenso  
Tão puro como as almas que lho davão.  
Puro lho avemos dar em quanto vivos.

Sacrosanta porção do Autor dos Mundos,  
Ó doce precizão do homem sensível,  
Dever gostozo, candida Amizade!  
Sem ti que pezo me seria a vida!  
Com tigo como as dores se minorão!

Recorda como o nobre patriotismo  
No coração ardia quando juntos,  
Vindoiros bens à pátria meditando,  
Cuidavamos já dar-lhe o sangue, e a vida;  
Como já nos julgavamos errando,  
Para servi-la, por alheios climas,  
Como.... basta. D'Amalia quando os olhos,  
Quando um sorrizo seu te abria o rosto,  
Como o prazer nas faces me brilhava!  
Nem dúm de nós com lagrimas os olhos,  
Do outro os olhos encoutrou enxutos.

Da intriga falha o golpe em peitos nobres.

Venhão desgraças, os revezes chovão,  
Cançai vosso poder, nós não cançamos.  
D'amizade com fogo inextinguível  
O nosso juramento está gravado.

A MEU PAI.

Paris , 1809.

EPISTOLA.

Dos laços de familia dimanarão  
As leis qu'em sociedade ajunta os homens :  
Dos laços de familia nasce a honra,  
O patriotismo, o brio, d'elles nasce.  
Fora da escala está d'entes sensiveis  
O que as vozes do sangue des conhece :  
Ao Tigre , aos Javalis o filho he caro.  
Os desvelos notai que exige a infancia  
E examinai se algum ao pai fatiga!  
Fitai-lhe o rosto e saber ás do filho.  
Aos extremos de Maen, outros se igualão ?

Có o filho empr'igo a maternal coragem  
Não mede os riscos não calcula as forças,  
Esquece-se de si, tudo aventura.  
Meninices que aos outros enfastião  
São delicias dos pais. Mimos não bastão  
He pelo filho que em suor goteja.

Triste de quem como eu perdeu no berço,  
 Da virtuosa Maen ternas caricias.  
 Sombra querida, aceita lá do Empireo,  
 Do amante filho respeitosa lagrimas!  
 Mimos d'outra Maen tive, mas a Morte!...  
 Possão teus manes repousar tranquilos,  
 Vendo a concordia na familia tua.  
 Irmãos me deste, e lhes deixaste amigo.  
 Com lagrimas sentidas da saudade  
 Hemos de honrar, banhar as cinzas tuas:  
 Não hemos de insultar tua memoria.  
 Respeitada serás como se fosses;  
 Honradas hão-de ser do sangue as vozes.  
 Mal haja o filho ingrato. Porem quando  
 Docuras de familia, hei de gozarvos?  
 Fugis de mim qual d'orfão deslembado.  
 Ele aumenos da patria no regaço,  
 Entre os amigos.... Horrido desterro  
 Não lhe a ferrolha as portas do futuro.  
 De ferros se carrega o patriotismo  
 Aqui, chorar o pai, e a patria he crime.  
 Barbaro despotismo azeda os males,  
 Folga que da miseria as mãos mirradas,  
 Do misero as entranhas dilascére!  
 Conforto do infeliz, mimo do Eterno  
 Santa Religião, escuda o triste!

Nunca mais vos verei , ó pai ! ó pátria!...  
Sofra-se antes a morte , do que a infamia,  
Dos despostas aos pés curve a baixeza.  
Malogrei meus trabalhos ? erão todos  
Cara Patria porti , eis meu consolo ;  
No peito vivirás em quanto a vida.  
A tirania pode , pode a sorte  
Ter-me em desterro , terminar meus dias  
Porem meu coração mudar não pode.

---

AO SNR. FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO.

( FILINTO ELYSIO. )

Paris, em 1810.

EPISTOLA.

VEIO-ME có a razão o amor da patria,  
Aquela enobrecendo, este incitando  
O estudo, vereda encontrar busco  
Qu'a prol da patria os passos me encaminhe.

Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho  
Tão louçan, quanto inculta a natureza  
Admiro absorto. Aqui longevos bosques  
Com verde espesso manto insultão, quebrão  
Do sol os raios, e os erguidos cimas  
Vão tupetar cóas nuvens: aprumados  
As curvas praias ornão, os pés dando  
Aos abraços de Thetis, hospedosos  
Ferteis coqueiros, que no fructo ofréssem  
Ao lasso navegante, o licor doce,  
A saborosa polpa, o azeite, o prato,  
E nas fibras do tronco a forte amarra.

Qual Cibeles mamifera entre as Deosas,  
 He matrona dos bosques a Jaqueira.  
 Por entre luteas flores, verdes ramas  
 Do patente casulo pende a felpa  
 Do niveo Algodão ; bem quaes d'Odino  
 Nas plagas, os carambanos alvevão.  
 Os jambeiros Favonio embalsamando,  
 No matizado prado ergue a coróa  
 O cheiroso ananaz, o rei dos frutos.  
 A quente especiaria não falece  
 Nem balsamos, e aroma, e a casca amiga  
 Da existencia do homem. Mais brilhantes  
 Sorteadas cores patentea Flora,  
 De mais gostosos mais brincados dotes  
 Pomona aqui se arréa : aqui de Ceres  
 São prodigos os dons. Mais longe encaro  
 O Gigante das agoas dominando  
 Despota sobre os mares : n'estes climas  
 Em tudo farta a mão da Natureza,  
 The nos orrores seus grande arrebatá.

Porque junto a tão solidas riquezas  
 As fontes d'esse ouro insultuoso  
 D'esse empeço da industria, esse que incita  
 As sordidas paixões, deslumbra estados  
 Natura póz ? Por ele o homem muda

O curso aos rios, desmorona serras ;  
Por ele de insultada a Madre Terra ,  
Mostra na esteril face a injuria sua.

Vingar de Ceres pretendi a afronta ,  
Deixando os patrios, em alheios climas  
Vim luzes grangear : e quando o estudo  
Refucilar da lida permetia ,  
Deleitavão-me as Musas. Li teus versos ,  
E Horacio em Luso metro ler cuidando ,  
A mente, ao coração juntos falarão.  
Ah ! quantas vezes pranteci teus fados ?  
Quantas depois aos meus hei dado graças  
Porque derão que eu visse o Luso vate ?

O poetico stadio tu me abriste ,  
Se um dia em brando ocio , verso digno  
Correr da pena minha , a gloria he tua.

Sem o incentivo teu , sem teus concelhos ,  
Como versejarei de ti distante ?  
Teus versos estudar , louvar teu nome  
Em baixa escura proza , eis quanto posso.  
Do fraudulento Oceano os perigos  
Vou de novo arrostrar. Vou ver o berço  
De Washington, de Frankelin.... Ficas Filinto ,

E eu parto!... Porque o mar divide as terras?  
 Qual prende as almas d'amizade o laço,  
 Porque ligar tambem no pode os corpos?  
 Tal quer a natureza, e tal nos dicta  
 Na saudade, atracção que o peito arrasta  
 Para ao do amigo qu'está longe unir-se.

Se os ceos derem que um dia a cara patria  
 O mui querido pai, e amigos veja,  
 Com nosco vivirás Filinto amigo.  
 No certame poetico teus versos  
 Nosso farol serão. O Luso idioma  
 Hemos de aprender n'elles, e com tigo  
 Relendo-os vezes mil, conversaremos.  
 E quando juntos no amical banquete,  
 Nos copos espumar festivo Bacho,  
 O primero tinir será teu brinde.

Em tanto qual vai ser a sorte minha?  
 Alhéas terras deixo, alhéas busco!...  
 Quando verei os bosques onde infante,  
 Dei os tenrinhos passos mal seguros?  
 Quando.... Filinto, adeos, lembre-te as vezes  
 O mui saudoso, grato amigo B.....

EPISTOLA

escrita da Fazenda do Pinum ao S<sup>r</sup> M. R.  
Gameiro então na Bahia. 1812.

. . . , . . . . Les arbres sont fidèles,  
Sont des hôtes plus sûrs, de plus discrets amis,  
Et tiennent beaucoup mieux tout ce qu'ils ont promis.

DELILLE.

RESPIRA coração! Eis os lugares  
Qu'em vão buscavas por estranhos climas,  
Eis a ventura! Erão arremedos  
Quanto longe d'aqui prazer julgavas.  
Foi n'estes montes, n'estas matas virgens  
Que modelado foste: a vida houveste  
D'estas limpidas aguas, d'estas auras.

Sitios amenos, que me deste vida,  
Salve! queridos! bejo a patria terra!  
Dos meus primeiros jogos companheiro,  
Tu, porquem accender-se d'amizade  
O fogo começou, no infantil peito,  
Recebe os versos meus despidos d'arte,

Filhos da simples Musa que os inspira,  
 Do meu Jacuïpe nas agrestes margens.  
 Das dilicias, Gameiro, escuta as vozes.

Aqui jamais ardéo d'amor o archote,  
 Nem tanta força tem brandindo o arco,  
 Qu'estes outeiros seus farpões alcancem.  
 Os ais primeiros qu'estes ares ouvem,  
 Echo as primeiras queixas que repete  
 Balbuciando mal, são minhas queixas.  
 Nunca o Jacuïpe vio nas suas aguas  
 Misturarem-se lagrimas, e nunca  
 Nas suas margens suspirar a avena.  
 Os enganos d'amor eu só lamento.

O implumado cantor d'estas florestas,  
 Da cithara, e da frauta ouvindo accentos,  
 Fingir procura, gorgeando o canto.  
 Do suspiroso bosque, o inquieto sopro  
 De Favonio, tranquila deixa a folha.  
 O tronco annoso o ancião do bosque,  
 Para saudar-me os velhos ramos curva:  
 Á sombra sua foi que os mal seguros  
 Primeiros passos ensaei na infancia....  
 Dizei-me oh! brenhas, arvores frondosas,  
 Dos meus primeiros gostos que fizestes?

Aqui da curta vida não parecem  
Longos os dias, nem se studão modos  
De matar tempo, quando o tempo he tuda.  
Não constrange as feições fingindo rizo  
Aqui, de acordo o coração, e os labios,  
Pedir não usão expressões ao engano;  
Mudo o artificio, fala a natureza.

Aqui não vem quebrar da guerra os rufos;  
A victoria não trás de sangue a sede  
Que os laços sociaes desata e piza;  
Dos idolos mortaes que a tumba some,  
A vil adulação aqui não chega.

Desafogado o espirito medita  
De Deos nas obras que admira, e adora.  
A razão dos sophismas escarnece :  
Nem se ilude a virtude ao pé do crime  
Quando dis, seu veneno assucarando :  
« Quem mais goza no mundo he mais ditoso,  
« Para o gozo alcançar licito he tudo. »  
E as leis do Ceo, da terra vilipendiando  
Vazio acazo supre ao Autor dos Mundos.

Ai! que restara ao justo, ao desgraçado,  
Se a Esperança lhe roubão? E se a prece

Gostoso meio de tratar co' Eterno?  
 Deixa que sobre o tumulto do amigo  
 Goste o amigo do pranto; dá que o filho  
 Espere unir-se ao pae, a esposa ao esposo.

N'esta calada gruta, vem Gameiro,  
 Beber a pás nas agoas do Jacuípe;  
 Respirar liberdade n'estas auras.  
 Mimo das Musas, generoso Paulo,  
 Vem, que palacios de Maré se avistão.  
 Vinde ver como em lidas proveitozas  
 Sereno passa o tempo, como o homem  
 Util a si, aos outros prestar pode.

Do mesquinho captivo a sorte iludo,  
 E de cuidados, de atenções em premio,  
 Do cativo disfarçando o tedio,  
 O homem que comprei, ha de querer-me:  
 D'ele amado heide ser, se ha qual nos nossos,  
 A gratidão no coração do escravo.  
 Tenho a afeição do pae, se o filho a fago,  
 Tenho a do inferno que aligeiro as dores.  
 A justiça o respeito me grangéa,  
 E já como em familia vivo entr'elles.

A terra que jamais seus dons recusa  
A quem suor lhe dá, promete franca  
D'arvore que plantei sapidos fructos.  
Como a roza de Zephiro bejada  
A cultura, sorrindo, me agradece !  
Como o cabrito afoito insulta o prigo  
Da ponta do penhasco pendurado !  
Como no prado curvetea o potro !  
Como farto o rebanho cabriola !...  
Sitios amigos, porque inimigos fados  
De vós por tanto tempo me afastarão ?

Mas la chega o colono venerando !...  
Porque de nós fugiste me pergunta ?  
Não vos matou saudade ? e a memoria  
Não vos era afflictiva companhia ?  
Qual estrangeiro sois aos filhos nossos ;  
Lá que foste buscar ? e o amigo certo  
Com quem na verde idade meditavas  
Quaes os caminhos de salvar a patria,  
Do ferreo jugo que nos pós a Europa,  
Onde esta ? que fazeis ? a patria geme !  
Que foste lá buscar ? Terras d'Europa  
De vicios cento, de sobejos damnos,  
N'estas agrestes innocentes plagas,  
Pelas que nos separão vastas agoas,

Já não vos cança que chegar vejamos,  
Carregados navios arrojarem?  
Que mais nos querem, d'essa Europa as gentes?...  
Não mais o velho! basta, não me mates.

Paris, 1807.

EPIGRAMA.

CONTAVA certa batalha  
Bravo alumno de Mavorte,  
Em ár ufano dizia,  
Demos á cem mil a morte.

Pergunta, e vós quantos ereis,  
Certo medico que o ouvia?  
Oitenta mil. Quanto tempo  
Durou a batalha? Um dia.

Torna o Doutor, e isso tendes  
Por coiza de grande espanto?  
Eu sósinho, em menos tempo,  
Com um recipe, faço tanto.

---

A M. DELILLE,

Celebre Poeta francês. Em Paris, 1817.

IMPROVISO.

O meu querido Camoens  
A França ó Ceos! o que fês?  
Deixa-lhe algumas belezas,  
Falso traductor francez.

Vingar-te só pode o vate  
A quem Milton deve tanto,  
Mas, ó destinos! Delille  
Te deixa, Camões, n'um canto.

---

IMITATION

DES VERS DE M. DE B.....

par lesquels il engage M. Delille à traduire la *Lusiade*  
par M. Le Mazurier, secrétaire de la Société Académique  
des Sciences, etc.

ILLUSTRE Camoëns que j'aimai dès l'enfance,  
Honneur de ta patrie et du nom portugais,  
Qu'as-tu fait au ciel, à la France?

De ses beautés au moins respecte quelques traits,  
Toi, qui crus lui donner une double existence,  
Perfide traducteur français?

Des efforts malheureux d'une telle imprudence  
Toi seul peux le venger, qui de l'Homère anglais  
Traças l'exacte ressemblance :

Delille, je t'appelle à de nouveaux succès ;  
Mais, ô destin fatal ! tu gardes le silence,  
Et laisses Camoëns en paix !

EPIGRAMA.

CERTO alchimista famoso,  
Tendo annos, e bens gastado,  
Já tinha para a Grande-Obra  
Os simplices acertado.

O mór trabalho está feito  
Nas proporções só duvida,  
Para acha-las um amigo,  
Guapo algebrista, convida.

Ei-lo em larga e negra pedra  
Longo tempo esgaratuja,  
E já limpa quatro vezes,  
E outras quatro vezes cuja.

Grão poder d'algebra! exclama,  
Ó miraculozo giz!  
Amigo dei no segredo,  
Junte ipsilon dois mais xis.

AO TABACO.

Paris, 1808.

QUINTILHAS.

Nulla salutifero se comparet herba tabaco :  
Viribus hac omnes exsuperat reliquas.

J. P. GERMARSHMIUS.

ODORIFERO Tabaco  
Minha homenagem recebe ;  
Cante os louvores de Baco ,  
Cante amor , quem não concebe  
Como alivias o caco.

Se em vés de manhas dannozas  
Quaes o amor , o jogo , o vinho ,  
As vossas ventas ranhosas  
Enchesses ( gado daninho )  
De pitadas saborozas.

De tal uso assoberbados  
Os dedos desprezarião  
Garrafas tocar e dados,  
E inda menos tocarião  
Em objectos vedados.

Quando appetite culpado  
Tentasse vos assaltar,  
Com a pitada ocupado,  
Ousala-hias largar,  
Ó tabaquista arreigado?

Nariguda confraria  
Seria gente tabaqueira,  
Da caixa, sem ironia,  
Confessai, de quanta asneira  
Vos livrou a companhia?

Naturalista profundo,  
Pesquisando a Natureza,  
Altos segredos do mundo,  
Quando vistes com clareza,  
Vistes a caixa no fundo.

Quantas pitadas não sorves  
Mathematico encansavel,  
Quando abaixo, e a cima volves  
Teimoso inconmensuravel,  
Que sem caixa, não resolves.

Quando remexendo a bola  
Busca fugitiva rima  
O poeta que se esfola,  
Se uma pitada sublima,  
Tras-lhe o termo, e o consola.

Não he digno de viver  
Quem o Tabaco despreza,  
Moliere ousou dizer,  
E do contrario a defeza  
Quem ha que possa emprender?

Foi o maior tabaquento  
Da Prussia o maior monarca,  
Em armas, letras portento,  
Par dar de tabaco um arca  
Cada anno ao nariz, e ao vento.

Doutra guiza preparado  
Tambem o tabaco exalta,  
Quando miudo picado,  
Pela gente baixa, ou alta,  
He no cachimbo fumado.

Não vai afrontar os mares  
O marujo sem sigarro,  
E fumando os militares  
Seguem da victoria o carro,  
Có o fumo toldando os ares.

Quando lá de Portugal  
A França Nicot o trouce  
Admiração cauzou tal,  
Que Medicis dignou-se  
Dar-lhe o seu nome real.

De Jean Nicot vem-lhe o nome  
Tambem de Nicociana;  
Eo de Santa-Crús obteve  
De Curia sacra Roma,  
Que ao Tejo igualmente o deve.

Porque tem ele o pomposo  
Grande nome de Herva Santa ?  
Porque em virtudes famoso,  
Tem força medical tanta ,  
Que passa a miraculoso.

De cardeal legatario  
Mão sagrada , cultivado ,  
Que planta do campo , e herbario  
Que vegetal tão honrado ,  
Foi já n'esse reino vario ?

Com metade da honraria  
Qu'essa planta merecéo ,  
Outra qualquer quereria  
Ir a nobre , de plebéo ,  
A patria desprezaria.

Mas ele o nome concerva  
Do Caro Silvestre ninho ,  
Só fazer bem se reserva  
Qual arbusto campesinho  
Vive , ou qual ignota herva.

Sem ti planta precioza  
De que servira o nariz?  
Desta vida trabalhosa,  
Para consolo te quiz  
Dar-nos, mão de nós piedosa.

Quando a pituitaria unido  
Vai-se o teu cheiro espalhando,  
Como sabes do sentido  
Ir as magoas afastando,  
Dar o socego perdido!

E como, quando o prazer  
Do coração nos trasporda,  
Sabes das ventas correr,  
Tocar da dilicia a corda,  
E o gozo melhor fazer!

Deixar a caixa querida,  
Da morte he bem máo sinal,  
Porem apenas avida  
Volta, e nos livra do mal,  
A caixa he logo pedida.

Minha fiel companheira  
Jamais te abandonarei,  
E na ora derradeira,  
Juro que te guardarei  
Junto á minha cabeceira.

E se inda tabaquear  
Podemos alem da morte,  
Se essa ventura ha sem pár,  
Praza aos ceos que eu tenha a sorte  
De minha caixa levar.

A CUPIDO.

QUINTILHAS.

1811.

ORA já basta de dór  
Rei dos enganos, Cupido,  
Cumpre aos males um fim pór,  
Meu coração perseguido  
Tens assás, travesso Amor.

Deixa quem desenganado  
Somente procura a paz,  
Malhar em homem deitado,  
Bem vés que desaire traz,  
A teu exercito a lado.

Tu sabes que resistencia  
Jamais pús a teu preceito;  
Provas de terna demencia,  
Tens bastante a meu respeito,  
Imploro tua clemencia.

Poupa-me novos pezares,  
Essa imagem lizongeira  
Amor, des faze-a nos ares;  
Não vamos por brincadeira,  
De novo afrontar os mares.

Acoiza he mais que brinquedo,  
Já sinto o peito abalado,  
Deixemos-nos pois d'enredo:  
Gato uma vés escaldado,  
The d'agoas frias ha medo.

Surrizo brando e fagueiro,  
Um ár que nota inocencia,  
Ceos! esse olhar feiticeiro,  
São da pás, são da existencia,  
O inimigo primeiro.

Deixa-me cá no meu canto,  
Não me andes com fosquinhas;  
Conheço mui bem o quanto,  
Essas mimozas cozinhas,  
Trocão os rizados em pranto.

Quem nos teus laços cahio  
Uma vés , e felismente  
Um dia d'elles sahio ,  
Baila , pula de contente ,  
Só se he louco recahio.

Perdóá minha lhaneza  
Falo sem rebuço algum ,  
Sei bem que nossa fraqueza  
Vem do máo senso comun  
Inato có a natureza.

Sei que tiras o partido  
Que de nós podes tirar ,  
E sei um peito ferido  
Quando queres conservar ,  
Quanto es meigo , e comedido.

As tuas setas êrvadas  
Veneno suave tem ,  
Pouco a pouco gangrenadas  
As chagas aponto vem ,  
De mais não serem curadas.

Não he de mui longa dura,  
A molestia forte e aguda,  
Sára se acertão com a cura.  
Se para melhor não muda,  
Leva o infermo a sepultura.

Devoradeira paixão  
Pois ja que pude vencer,  
Dá que livre o coração  
Possa d'amores viver,  
Que livre guarde a razão.

Suplico redonda baixa,  
Longo tempo te hei servido,  
E se o teu querer não acha,  
Ter eu tanto merecido,  
Caça-me a toque de Caixa.

Ou poem-me no hospital  
Com os invalidos teus,  
Co' essa minha igual,  
Como ela pensa nos seus,  
Qu'eu vá cuidar do meu mal.

Lá no retiro precizo ,  
Longe d'olhos matadores,  
Ganhado o perdido sizo ,  
Cantarei os teus louvores,  
O pranto mudando em rizo.

---

OITAVAS.

Paris , 1809.

Em rua em que sangueira noite e dia  
Dos açougues correndo , rubra torna ,  
Porca em extremo , e d'aura doëntia  
Pelo podre measma qu'atranstorna :  
Porem que d'aluguel menor quantia ,  
A caza ao senhorio a bolsa entorna :  
Em Paris , certo tempo sem seutil ,  
Vivia certo moço do Brasil.

Cazaca parda , e penso que virada ,  
Era na quente quadra o que vestia ,  
Capote , e curta p'laina negregada ,  
Era todo o seu trem na quadra fria .  
Jamais a exactidão foi perturbada ;  
Era tal , qu'em saindo sempre ouvia ,  
Este Moiro , dizerem os vizinhos ,  
Muda de penas quando os passarinhos .

Mal da escaça mezada havia a soma,  
 ( Que deveo por um tempo a certo amigo )  
 Empregava em Batatas, com que doma,  
 Do gastrico licór o dente imigo.  
 Mas quis seu fado mesmo que não coma,  
 E crendo não o ter bem perseguido,  
 Deu-lhe correspondente que a pensão  
 Lhe nega, era o consul em Ruão.

Porque deixou da patria o caro ninho,  
 No seu Brazil não tinha que comer?  
 Porque a terras estranhas vem sozinho,  
 Acezo em gloria van, de váo saber?  
 Avida val expór em fragil pinho  
 Para o luxo das artes aprender?  
 Ora agora meu rico paciencia,  
 Sustente-se dos ramos da sciencia.

De luzes sua patria carecia,  
 Ir procura-las seu dever lhe ordena,  
 E julgando que a patria assim servia,  
 Pouco lhes parecerão riscos, penna;  
 No serviço da patria só resfria  
 Covarde coração alma pequena,  
 Qu'ao cidadão honrado nada a terra,  
 Quando trabalha pela patria terra.

As privações não erão que o ralavão ,  
 Mas dos seus ver-se em climas tão remotos ,  
 As lagrimas que as faces lhe banhavão ,  
 Erão por não poder cumprir seus votos ,  
 Ver que os trabalhos seus se malogravão ,  
 Ver seus rectos dezejos sempre tortos.  
 Quem julgára, exclamava, qu'esta alhada,  
 Traria a Europa toda atrapalhada?

Quem julgara qu'um homem de capote ,  
 Por toda a Europa fosse bloqueado ,  
 Sem um só trilho achar por onde trote ,  
 E ao berço chegue seu, tão dezejado?  
 Em colera dizia, de tal sorte  
 Ninguém foi por bamburrio assim jogado ;  
 Mas he de crer que um dia pare a nora ,  
 E cante um dia, quem mil outros chora.



GLOZA.

Paris, 1809.

QU'EU fosse em fim desgraçado  
Escreveo do Fado a mão,  
Lei do Fado não se muda,  
Triste do meu coração.

Deixar a patria querida,  
Ao mar seus dias expór,  
Ver em sustos, ver em dór,  
Ir fugindo a curta vida:  
Sempre andar em dura lida,  
Ó Ceo! porque me foi dado?  
A quem nascéo malfadado  
Desgostos comuns bastavão,  
Pois tuas leis ordenavão  
Qu'eu fosse em fim desgraçado.

Sofro quanto a adversidade  
Enserra de mais cruel;

Sorvo de continuo o fel  
De dolorosa saudade.  
Se da fagueira amizade  
Procuro a consolação,  
Não a encontro, busco em vão;  
Abandonado em desterro....  
Ai! que tal ordem de ferro,  
Escreveo do Fado a mão.

Tenho crimes cometido  
Ó divina Providencia!  
Para que tal existencia  
Haja de ti merecido?  
Tens a the d'alma expellido  
Esperança que me iluda.  
Poder não ha que me acuda.  
Infeliz das mãos da sorte  
Heide passar as da Morte,  
Lei do Fado não se muda.

Cara patria meus cuidados  
Forão sempre, e só por ti,  
E vés o que mereci  
De pois d'annos tão cansados!  
Meu pai, meus irmãos amados,

Meus amigos onde estão ?

A terna satisfação

De ve-los não hei-de ter ?

Que doloroso viver !

Triste do meu coração.

Á MORTE DA S<sup>ra</sup> D. HENRIQUETA JULIA  
DE MENEZES,

DUQUEZA D'ALAFOENS.

EPICEDIO

oferecido ao Snr. Marqués de Marialva seu  
Irmão. Paris, 1810.

Quelle obscure indigence échappe à ses bienfaits ?  
Dieu seul n'ignore pas les heureux qu'elle a faits.

DELILLE.

Tu que as spheras pelo espaço moves,  
Do Mundo, Eterno Artifice; os humanos  
Só para a dór formaste ?

Do bem mais do que assomos não veremos ?  
Compoem a essencia nossa o mal, e em sorte  
O pranto só nos coube ?

Ó paz onde habitaes?... Prazer escaço  
Se ao homem aparece, trás comsigo  
O ante-gosto da dór.

Entre os homensilhado triste geme  
O virtuoso, em quanto o mão se engolfa  
Nos dotes da fortuna.

Mil mortes cada dia a Parca entorna  
Na taça da existencia, e a justo a entrega  
Que trago á trago a exgota.

Alma dos Mundos, para o crime espalhas,  
Os bens na terra? Não. Deos justiceiro  
Compensa, pune um dia.

O que deixa ao infeliz teu nada eterno  
Sophista? De arremedos goza, em quanto,  
Não te somes no olvido.

São qual fumo, da terra as vans chimeras,  
Se a morte assoma cahem, e co' a morte  
O justo a palma empunha.

Mas orfans deixa da miseria as victimas,  
Porque o ceo qual cioso o mostra ao mundo,  
E subito o reclama.

Qual candida Açucena embalsamando  
O ár visinho, logo murcha pende  
E nos deixa Saudade,

Ou Iris bonança que fugace  
Desbota ; vai da luz o espirito justo  
Unir-se a eterna fonte.

Imagens de bondade , para exemplo  
E consolo dos bons , e dar de rosto  
Aos máos : do céo baixastes.

Henriqueta ! dos Lusos , das sciencias ,  
Dos sabios o honrador , teu digno esposo  
Com tigo o pobre chora.

O nome illustre pede accções illustres ,  
Pezo he qu'ao fraco esmaga , Herculeos hombros  
Só , podem sustentalo.

Digno hes de Paes heroes , quando as virtudes  
Eos que lhes derão fama ; nobres feitos ,  
Quaes n'elles , em ti luzem.

Grandes da terra se em vós pode o exemplo ,  
Da grandeza , Henriqueta , o molde offrece ,  
Imitai-a , ou correivos.

Em preço tem os titulos , riquezas  
Só porque meios são de pór emenda  
A os erros da fortuna.

Se no grande a virtude he mais formosa  
O vicio mais se aféa ; o mundo inteiro  
Suas accções contempla.

Mais que o vulgo á nação deveis : os vossos  
Alterão seus costumes : Henriqueta,  
Males poupar ensine.

Mostre qu'em beím fazer, o bem se encontra ;  
Assim o coração nos dis, no premio  
No gosto que tiramos.

O crime se combata, e o criminoso  
Co' facho da razão se podeis tanto  
Dessipai-lhes as trevas.

Sirva o concelho senão basta o exemplo....  
Mas perto vejo a Morte ! e d'olhos humidos  
Palido véo desdobra !

Ai ! de seu rosto lindo as rosas murchão !  
Nos labios róxos o surrixo esfria,  
Os membros já fraqueão.

Queridas filhas, dis, não vos deslumbrem  
Nunca da terra os bens, creção com vosco  
As candidas virtudes.

Ó tu que meu suspiro derradeiro!...  
Caro Irmão onde estás?... E olhos baços  
Manda a os ceos resignada.

Vai do celeste corpo a alma celeste  
Os vinculos rompendo brandamente,  
Quaes os raios de Phebo,

Pouco a pouco o orisonte desdoirando,  
A abobada azulada á Lua cede,  
Em tarde amena, e clara.

Morte! da ferrea mão o golpe cahe.  
Obe o espirito ao Ceo, no Ceo repousa  
Sua primeira patria.

Sentidos ais quebrai sobre o meu peito!  
Dis o infelis, morreo quem da desgraça  
Meiga os ais abafava.

Da viuvés as lagrimas quem hade  
Com lagrimas parar, e ao orfão sinho  
De Maen suprir carícias?

Vós que doença, e annos insultando  
Tolhido os membros tem, quebrado as forças  
Restos de huma forma.

Quem vos sumia o pezo da existencia  
Não mais.... Religião quem teus altares  
Fatigará devota?

Veste luctuoso dó magoada Lisia,  
Desata o pranto; e tu Echo saudosa,  
Do infeliz os queixumes.

Desdobra pelos concavos rochedos;  
Henriqueta! Henriqueta! o ár suspire,  
Gema a onda Henriqueta!

Lamenta ó lyra! lugubres endeixas,  
Más não.... Celestes hymnos entoemos  
A virtude não morre.

---

A UN AMIGO.

Paris, 1810. — Em dia de S. Jozé, Santo do seu nome.

SENHOR, quis de São Jozé  
Cantar o anniversario,  
Mas tem-me secado a Musa  
Um maldito dictionario (1).

Tentei os vossos favores  
Em lindos versos contar,  
Porem vi qu'era impossivel  
Que fora um nunca findar.

Louvar quis vossas virtudes,  
Mas termos não encontrei,  
O meu dictionario inteiro,  
Debalde li, folheei.

---

(1) Fazia então o autor o dictionario frances e portugues.

Qual o mundo trago abola  
A trouxe, e mouxe embrulhada,  
E quem anda em seu juizo  
Com tamanha trapalhada?

Passar de lavra d'assucar  
A o fabrico de palavras,  
Paciencia, a diferenca  
Consiste em fabrica, ou lavra.

Mas aquele qu'une á herdada,  
Á merecida grandeza,  
Que na caixa apenas goze <sup>(1)</sup>  
De desafogo, e largueza!...

Fora! e fora vós tristezas,  
Cada qual val o que he;  
Va de cangalhas o mundo,  
São Jozé, he São Jozé.

Ele qu'andou desterrado,  
Bem sabe quanto isso he duro;  
Ele que a distancia encurte  
A venturozo futuro.

---

(1) Uzava de grande caixa de tabaco.

Que junto aos filhos queridos ,  
Nos braços da espoza amada ,  
Dé que desfruteis um dia ,  
Doce vida socegada.

Então de Ceres no officio ,  
Officio que vosso he ,  
Direis , eles , e eu com vosco  
Viva! viva São Jozé!

---

SONETO. (1)

No mar indo de França para os Estados-Unidos d'America.

1811.

Mirabilia sunt opera tua , Domine ; vir  
stultus non cognoscit ea , insipiens non  
animadvertit ea.

QUE horror ! que pasmo ! e scena portentosa !

A vastidão do mar toda abrazada,  
Chameja o ár a onda rebentada  
Em fachos mil de flama sulfuroza ?

Já mais escura , já mais luminosa ,  
Finge na luz dos astros prateada ,  
Que a abobada celeste despregada ,  
Cobre d'estrelas a planice ondosa.

Que estupenda , que eterna variedade !  
Admira , terroriza , aprás , namora....  
Das obras tuas , Deos , que imensidade !

N'elas o justo exulta , o injusto córa ,  
D'elas não sente o ignaro a magestade ,  
Mas o sabio adverte , admira , e adora.

(1) Ao que os Nauticos chamao Ardentia.

DESCRIÇÃO DE UMA TEMPESTADE

NO MAR, E MESMA VIAGEM.

QUAL na campina os olhos alongando,  
A pós montes, montanhas sobranceiras  
Surgir cuidamos, terminando o espaço,  
Ergue das ondas enrolada nuvem;  
Hidiondos monstros finge, e desdobrada,  
D'abobada celeste o vacuo obumbra.

Com rosto merencorio repelindo  
Os abraços de Thetis, baixa Phebo,  
E a torva claridade ameaçando,  
Medonha noite, com seus raios morre.  
Caliginoso véo circunda os astros;  
D'envergonhadas as estrelas fogem.

Aquilo atraído assopra escaco,  
Fluctuando as nuyens, já rotas bravejão;  
Largas as vagas ponderosas rolão,  
Surdo ja muge o mar, o trovão ronca,

E sobre o negro azul do mobil campo ,  
De arrebetadas ondas ferve a espuma,  
O relampago a vista , fere , e ofusca.  
E das trevas o luto mais negreja.

Sibila , Zune pela enxarcia o vento ,  
Boiantes serras , serras atropelão ,  
Os ares ardem , os trovões rimbombão.  
No rude embate das pejudas nuvens  
Dos rotos bojos os coriscos saltão.  
A chuva em catadupas se despenha ,  
Embravecido o vento , e o mar rebramão.

Do Piloto abozina em brados rouca ,  
Ferra gritando , ferra lhe respondem ;  
E qual volatil bando que repouza  
Nas tenras hastes que menéa Eolo ,  
Balança a antena os nautas pendurados.  
E em quanto á verga o pano vão cingindo ,  
D'ambos os bordos rotas as escotas ,  
Voando açoita o ár farpada vela.

Da Morte o aspecto a todos deixa staticos  
Da Morte o aspecto augmenta o amor á vida.  
Com vós forçada o animo relevão

Dos habatidos socios ao trabalho.  
 Da encapelada vaga o rude encontro  
 A quilha acoita, estoirão as enxarcias.  
 Qual dos ventos batido annoso Roble,  
 Do cima da montanha derribado,  
 Volta a raiz aos ceos, o masto tomba.  
 Do pezado marulho a massa enorme  
 Rola, e quebrando no conyês baquêa.  
 Outro que o segue no costado bate,  
 A quilha treme, salta, e os ares sulca.

Este ao machado avança, aquelle á bomba,  
 Todos aos ceos a vós, e as mãos levantão.  
 A os ceos seguro, e ultimo refugio.  
 Amigo do infelis o ceo não falta,  
 A esperança o sustenta. Pouco a pouco  
 Das trevas levantando o feio manto,  
 Da bonança desponta a leda face.  
 Já não bramão as ondas, já se aplanão  
 Longe roda o trovão, fuzila a espaços,  
 D'Aquilo fatigado o sopro quebra :  
 Desprendidas d'antena as velas decem,  
 De amiga viração pandas s'infunão.  
 Da morte o susto o animo livrando,  
 Ao rosto leva a cór, tranquilo o sangue

A boca, aos olhos a alegria torna,  
Ja solto o coração dos nós do medo.  
Contentes estregando os lassos membros  
No sono, da fadiga refuscilão.

---

A UM ACAZO, EM NEW-YORK 1811.

MADRIGAL IMPROVISADO.

DE um nome a copia, o acazo  
Fés, que um dia a gratidão,  
Pela Irman d'Amor guiada,  
Gravasse em meu coração.

Elmira, nome querido,  
Posso un momento esquecer?  
Se á vista o que o peito encerra  
Sabe o acazo ofr'ecer?

---

A UM SONHO.

New - York , 1811.

MADRIGAL.

ENDEOSADO nos teus labios  
Nectar divino bebi,  
Aos ceos d'amor em teus braços  
Entre delicias subi.

Do niveo ninho das Graças  
Iludio mão atrevida,  
Do véo a avareza, aos olhos  
Tirana, ao Pejo querida.

E vivo!... Lilia perdóa  
Foi sonhando que o ousei;  
Se alma pode gozar tanto  
Dormindo, porque acordei?

A DUAS SENHORAS RUSSIANAS.

Philadelphia, 1811.

ACROSTICO.

Es de graças reunidas  
Um modelo, es um primor,  
Goza amente ao ver teu rosto,  
E vem logo ao peito amor.  
Não se ousa pensar no gosto,  
Inveja-se o esposo, e espira  
Amor, qu'a virtude admira.

OUTRO.

Se gera o teu clima frio  
Olhos lindos como os teus,  
Protesto que o sol do estio,  
He filho dos gelos seus,  
Inda mais digo, e aporfio,  
Assim, ha gelo nos ceos,

Indo o autor para o Brasil no Brigue Galeno.

EPIGRAMA.

Em tão miserando estado  
Pos-me da Europa o terreno,  
Que para tornar á patria  
Foi-me precizo um Galeno.

OUTRO, IMPROVISADO.

Belsebu quis dar cós homens  
Todos de chofre no abismo,  
Có a Irman Echidna incestua,  
Sahe do Crime o Despotismo.

---

ESTANDO O AUTOR PREZO NA CADEIA DA  
BAHIA. 1811.

On peut dans les prisons entrainer l'innocence ;  
Mais l'homme généreux , armé de sa constance ,  
Sous le poids de ses fers n'est jamais abattu ;  
S'ils pèsent sur le crime , ils parent la vertu .

RAYNOUARD , *trag. des Templiers.*

### IMPROVISO.

DEIXEI o Pai , Irmãos , deixei Amigos ,  
As arvores , os sitios que indeleveis  
Traços no coração gravão na infancia.  
Ó cara patria ! para dar-te em mimo  
Luzes fui mendigar . Afrontei vagas ,  
Outros climas sofri , e alheias manhas .  
Da Luza Athenas co' as lições não vastas ,  
Minerva me apontou a patria illustre  
Do imortal Lavoisier , sabio Oliviére ;  
Lá respirei o ár que respirarão ,  
Ouvi de seus alumnos seus preceitos .

Do Batavo incançavel os milagres  
 Vi; e lavrada a Belgica por Ceres.  
 Do pousado Alemão parei nos campos.  
 Os povos visitei que a França habitão,  
 Desde o fofo Gascon, ao Breton rude,  
 Uns mais qu'outros brincões, crianças, bravos.

Tendo pr'igos, e mares vagoedo,  
 De Washington, de Franklin visto as plagas  
 Gratas á Liberdade, a porto as minhas,  
 A seu paiz, seu réi, ó quanto he belo  
 Lustros quatro ofr'ecer d'estudo, e penas?  
 E crível pode ser!... ó Rei! ó Patria!  
 Os ferros oiço qu'anuncião crime (1).  
 Que um Paulo, que um Gameiro honra dos homens,  
 De longe me pranteem do que vale?  
 Da tirania os ferros nos separão.  
 Ó generozo Paulo, a nossa patria,  
 Que! dos desvelos meus a terra he esta?...

Dizei dos crimes tenebrosa estancia,  
 De quanto vilipendio o patriotismo  
 N'estes lugares insultado vistes.

---

(1) Visitavão as grades.

Dizei.... mas o que admiro ? por ventura  
Os homens não conheço ? o que queria ?  
Caricias, premios ? insentato, os premios....

Arrastar podem a innocencia aos carcerees,  
Mas de constancia armado o varão justo,  
Co' pezo de seus ferros não se curva,  
Se ao crime o primem, a virtude adornão.

Estando o Autor na Bahia prezo a bordo do  
brigue Tamerlão, e a partir para o Rio de  
Janeiro. 1811.

Quittons dono pour jamais une terre importune,  
Où l'honneur a toujours guerre avec la fortune;  
Où le seul art en vogue est l'art de bien voler;  
Où tout me choque enfin, où.... je n'ose parler.

BOILEAU, Sat. I.

### AOS AMIGOS.

QUAL entre açores vive exposta a pomba,  
Em risco o homem bom vive entre os homens.  
São máos os homens, máos os seus costumes.  
Porque a misantropia reprehendemos?  
Ela ser deve do prudente a guia.

Lá nos estranhos climas os trabalhos  
Sofria, por mentiras de esperanças  
De mimos (que tal vés me deva a patria),  
Doces mimos d'amor, não dá fortuna.  
Do vencedor da Europa a fronto a sanha,  
Iludo os Argos seus, desdenho ofertas,

Entrego a vida a congelados mares....  
 Nenhum caminho para a patria he longo,  
 A quem a patria adora nada a terra.  
 Honra, constancia, e vós ó patriotismo!  
 Sois vans chimeras?... quanto m'enganastes!

A familia dispersa, os bens perdidos,  
 Perdida a cara Maen! resta-me a patria  
 Essa de meus disvelos digno objecto,  
 Ao ve-la dice, sem fitar a ingrata.  
 Ferros lança nos braços que lhe estendo,  
 Seu regaço he prizão, seu mimo insultos!...  
 Mas foi a patria? não, que a patria geme....  
 Quando o felis refluxo d'essas ondas,  
 Que á nossas praias arrojão crimes....  
 Quando?... Fugi meu pai, Gameiro, Paulo,  
 Pois libertar a patria não podemos,  
 Qu'aumentos longe d'ela nossos olhos  
 Não firão quadros, que dão mate ao brio.  
 Pois que em nós d'amizade os bens sentimos,  
 Gozemos esses bens: eia fujamos;  
 Não venha da verdade amão terrivel  
 Qual o outro, este véo despedaçar-nos.  
 Se tal partido não julgaes acerto,  
 Se fugir duvidaes, irá com migo  
 Um desengano mais: Adeos, amigos.

CANTIGAS IMPROVISADAS.

No mar, indo preso da Bahia para o Rio de Janeiro.

INGRATA patria,  
Cruel querida,  
Quero deixar-te  
Deixo-te a vida.

Ficão parentes,  
Fica o amigo,  
Só a saudade  
Trago com migo.

Em terras d'outrem  
So frendo damnos,  
Forão meus dias  
Magoados annos.

Tinha a Esperança  
Por companhia,  
Tudo era pouco,  
Por ti sofria.

Hoje sem ela,  
Que mais me resta?  
Vida assim triste,  
De nada presta.

A paz buscava  
Nos patrios lares,  
Achei por mimos,  
Ferros, pezares.

Ingrata patria  
Sempre querida,  
Quero deixar-te  
Deixo-te a vida.

---

A UMA SNR<sup>a</sup>. NO DIA DE SEUS ANNOS.

1812.

TEME a Dama que he só bela  
A veloz roda dos annos,  
Por ver n'ela da Beleza  
Os irreparaveis damnos.

Importa pouco á discreta  
Que do tempo a roda mude,  
Pois quanto perde em beleza,  
Tanto compensa em virtude.

Por ti alterou, Marilia,  
Essa lei a Natureza,  
Nos annos ganhas virtude,  
E hes sempre a mesma em beleza.

---

A UMA MENINA.

No dia em que fazia 15 annos. 1812.

FUGIO de ti hoje a infancia,  
E rebenta a flor da idade,  
Co' a infancia fugir não deixes  
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce  
Aos dotes da gentileza,  
Não ha belo verdadeiro  
Quando falta a natureza.

De tua Maen carinhosa  
O conselho, o exemplo aceita,  
Que te protesto, Climene,  
Que sempre serás perfeita.

---

ACROSTICO.

1812.

Mais linda que a flor mimosa  
Venas sahe do botão,  
Hosto angelico, d'amor  
Inda mais que a Maen formosa,  
Ah! quem he meu coração?

OUTRO.

1812.

Rembrando Sapho em poezia  
Quem não sei que tem demais  
Inda, que na fantazia  
Sentimentos gera quaes,  
Amor melhor não faria.

O CONTRASTE.

CANÇONETA. 1812.

QUANDO do pejo  
Brilha o rubor,  
Nas faces tuas,  
Adeja Amor.

Se as faces d'outra  
Mudão de cór,  
O pejo he outro,  
Não vejo Amor.

Quando teus olhos  
Quebra o langor,  
São todos graças,  
Hes toda Amor.

Os olhos d'outra  
Faça o que for,  
São, sim, uns olhos,  
Mas sem Amor.

He tua boca  
Mimosa flor ,  
Vedão toca-la ,  
Graças , e Amor.

Nos labios d'outra  
Posso os meus pôr ,  
Sem que no peito  
Palpite Amor.

Se dás um gosto ,  
Ou se uma dor ,  
Em um , em outra ,  
Conheco Amor.

Dados por outra  
O gosto , ou dor ,  
He dor , ou gosto ,  
Mas não d'Amor.

Amor com tigo  
He doce ardor ,  
Nos braços d'outra ,  
He gelo Amor.

Quem de Marilia  
Teve um favor,  
D'outra o não queira  
Que insulta Amor.

AO SALGUEIRO CHORÃO.

CANÇONETA.

1812.

TRISTE Salgueiro,  
Rama inclinada,  
Folhagem palida,  
Sombra magoada,

Aceita o nome,  
De minha amada.

Qual no meu peito  
Amor gravou,  
Tal no teu tronco  
Grava-lo eu vou.

Une a teu pranto  
Os ais qu'eu dou.

Aves sinistras  
Fujão d'aquí,

Só Philomela  
Repouse em ti.

Meu mal ouvindo,  
Gema de si.

Na sombra tua  
Só ache abrigo,  
Peito sensível  
D'amor amigo.

Aos inconstantes  
Não dés jazigo.

De meus prazeres  
Te fis sienté,  
Hoje das dores  
Sé confidente.

Só a ti digo,  
O qu'alma sente.

D'Echo indiscreta  
Guarda um segredo,  
Qu'eu a ti mesmo  
Confio a medo.

Aryore amiga,  
Eia, segredo.

Tive ventura  
Mas foi de um dia ,  
O peito amigo  
Bem mo dizia ,  
Mas o que queres !  
Eu não o cria .

Manda hoje a ingrata  
Sofrer , calar ,  
Nem por seu nome  
Posso chamar .

The dis que he crime ,  
Um ai soltar .

Ah ! se soubesses  
Que gostos dá ?  
Salgueiro amigo ,  
Iguaes não ha .

Vai-te lembrança  
Não voltes cá .

Puras dilicias  
De puro amor ,

Trocou-me a falsa  
Em pranto e dór.

Dór, pois vens d'ela,  
Vem onde eu for.

Se em pago aumenos  
D'afflicções taes,  
Um ai me desse  
Queria eu mais ?  
Um ai? que digo?  
Ri de meus ais.

Seja inconstante  
Nunca o serei,  
Nem por modelo  
A escolherei.

Morrer por ela  
He quanto eu sei.

Se a linda ingrata  
Aqui vier,  
Se de meus males  
Saber quizer;  
Faze-a ó Salgueiro!  
Seu nome lér.

Dize-lhe quanto  
Viste penar,  
Dize-lhe como  
Se sabe amar ,

A amor dar culto ,  
Ea honra o dar.

---

A VINGANÇA.

CANÇONETA IMPROVISADA.

1812.

*Nos verdes troncos  
Que vão crescendo,  
Teu lindo nome  
Vou escrevendo.*

Ahi verás.  
Meu coração,  
Vivos sinaes  
D'uma paixão.

Em cada letra  
Imprimo um bejo,  
E mais viçoso  
O tronco vejo.

Vem bela ingrata  
Prodigios ver,  
D'Amor, se podes,  
Nega o poder.

As avesinhas  
Vem adejar,  
Do nome em torno  
Ternas cantar.

Aqui teus olhos,  
Teu meigo riso,  
Dera delicias,  
Do paraizo.

Da lyra as voses  
Teu nome entóá,  
Echo teu nome.  
Longe resóá.

Mas ah! que vale  
Por ti, chamar,  
Lilia, se gostas,  
De ver penar?

Teu peito um dia  
Possa em ternura,  
Vencer teu rosto;  
Em formosura.

Cobrir d'extremos  
Tua esquivança,  
Fora desta alma  
Toda a vingança.

---

AOS ANNOS DE UMA SENHORA.

1812.

DEZEJAR-TE longos annos  
Ó Lilia! he mal te querer,  
Viva quem morrendo acaba,  
Más tu ganhas em morrer.

Quantos mais annos viveres,  
Tanto mais tens que penar,  
Pois aos teus iguaes, aos Anjos,  
Mais tarde te irás juntar.

Eu que te conheço e admiro,  
Devo dezejar-te a morte;  
Se o não faço, he porque temo,  
Não a tua, a minha sorte.

Oh! qu'injustiça te faço!  
Na vida vejo os teus damnos,  
E só porque n'ela ganho,  
Dezejo-te longos annos.

AOS BAHIANOS.

No dia da abertura do seu novo theatro.

. . . , Des passions la sensible peinture,  
Est, pour aller au cœur, la route la plus sûre

BOILEAU, *Art poët.*

Alterão-se as nações cahindo as eras.

Esta dos vícios solapada expira,

Est'outra o crime de seu pezo esmaga.

D'Asia ao mando curvou outr'ora o mundo,

Mas hoje apenas no lo conta a Historia.

Quem hoje habita o Egitto, quem Athenas?

Das cinzas de Carthago surge Roma,

Roma dos reis terror, do mundo espanto,

Patria de Fabios, de Catão, de Bruto,

Ao jugo aventureiro a Cervis dobra.

Anime o patriotismo o rei prudente,

Da Victoria o não cegue fugás brilho:

Segue o fausto a Victoria, ao fausto a queda.

Dos insultos dos paes os filhos gemem,

E a Historia leva aos seculos vindoiros,  
Ensovalhado nome ea pár os crimes.

Despotico volcão na Europa estoira,  
No ár esvoaçando, guerra brama,  
Sacudindo a Discordia o acezo facho;  
E aos roucos sons no ár braveja guerra!  
Do bronze aos roncós, ao tinir das armas,  
Foragidas d'Europa as Artes querem  
De Ptolomeu poupar cazo funesto.  
Mata a sciencia o halito despotico....  
Porem de balde o vandalismo tenta  
Fazer retrogradar do espr'ito o curso,  
Co' a Imprensa Coster segurou-lhe o passo.  
Mimosas Filhas do celeste Pindo,  
Céo mais ameno que o de Grecia, ou Roma,  
Carinhoso Brasil vos oferece.  
Qual a flór em terreno mais benigno,  
Mais viçosa surri ao dia abrindo.  
Taes em seu seio brotareis mais lindas.

Hum do vosso Diniz dictoso Neto,  
O caminho vos mostra, eia segui-o,  
Do Genio os voos despregai afoitas.

Ja de Neptuno a sanha, e a furia insultão  
Altivas quilhas tremolando as quinas.

Não dos raios da guerra a dextra armada,  
 O Príncipe demanda alheios climas.  
 O que as esferas rege, e os reis domina  
 Um Novo-Imperio levantar lhe ordena.  
 Quer que nos corações as bazes firme,  
 Que ao lado la pacifica oliveira,  
 Estreitadas em doce, eterno abraço,  
 Embelezem o trono artes, sciencias.

Do Amazonas ao Prata a Natureza  
 A nobre pompa sua patentéa,  
 Todas as regiões aqui se enleão,  
 Esta do globo magestosa plaga,  
 Unio cabral, do rei á magestade.  
 Dosque do mar os terminos quebrarão,  
 Os Netos são que as portas lhe defendem;  
 O mesmo brio, e sangue, hoje os anima,  
 E ao aceno do rei vereis ó povos!  
 Novos Gamas surgir, surgirem Castros.

Foste a primeira que no Mundo-Novo  
 Viste, ó Bahia d'um monarca o rosto.  
 Se te deixou, com ele vai saudade.  
 E d'esse que cuidar de teus direitos,  
 Mandou, na escolha seu amor conhece.

. . . . .  
 Ao son de sua vós hoje o Bahianos!  
 Dos costumes a eschola as portas abre.  
 Castigue os vicios aterrando, ou rindo.  
 Gostem as Maens de Merope os extremos,  
 E de Medéa ao aspeito os olhos voltem.  
 Ao ver Atréo de horror o Irmão se irrice,  
 Do amigo as faces Pilades alegre.  
 Amor chore d'Ignés o cazo triste.  
 Manchando o filho em sangue parrecida,  
 Mafoma cubra d'asco o fanatismo,  
 Do ciume o furor Fayel corrija.

Que o rizo mofador opprima, e corra  
 A hipocresia, a sordida avareza,  
 De baixos corações rasteiros vicios.  
 O gesto, as vozes a poezia adornem.  
 Que d'armonia os sons o ouvido encantem.  
 Que magico pincel a vista iluda.

Em ár bisonho, e acanhados modos,  
 No máo pejo, a decencia não consiste;  
 Quadra rosto sombrio ao criminoso,  
 O refalsado gesto a hipocrisia,  
 Desenvoltura he marca de licencia,  
 He grave, he lhana da decencia a face.

Nunca do honesto se transcenda a meta ;  
Nunca permita maculada scena ,  
Que ofendido decoro afronte o pejo.  
A punição do crime o criminoso ,  
E da virtude o premio o justo vejaõ.  
Veja a innocencia da maldade as tramas.

Da boa sociedade o trato a favel ,  
Costumes espinhosos amaciem ;  
Patrios feitos na scena , a feitos novos  
O patriotismo , o coração convidão.

Nua do som didatico a virtude  
Melhor ao coração no exemplo fale ,  
E a mente deleitando a scena deve  
As normas da moral gravar nos peitos.

---

JOSINO E MARILIA,

IMPROVISO.

MARILIA.

*Fui encontrar a desgraça  
Onde os mais achão prazer,  
Amor que dá vida á todos  
Só amim me fás morrer.*

Amor que pode,  
Não quer valer,  
Não ha remedio,  
Senão morrer.

JOSINO.

Gostos quaes os que tivemos  
Nunca mais poderei ter,  
Pois só nos gostos que dás  
He que s'encontra o prazer.

Amor que pode, etc.

MARILIA.

Vais-te Josino , e me deixas ?  
Vai-se com tigo o meu ser ,  
A fria mão da saudade  
Ja me fás esmorecer.

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Longe da minha Marilia ,  
Que ventura pode haver ?  
Se cá ficando Marilia ,  
Com ela fica o prazer ?

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Se pensasses nos extremos  
Que por ti ousei fazer ,  
Julgarias da existencia  
Que ausente me vai caber.

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Longe de ti , minha vida ,  
Será cruel padecer,  
Se pode chamar-se vida  
Sem teus carinhos viver.

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Se amas a tua Marilia  
Porque assim a vás perder?  
Entre as ancias da saudade  
Porque assim a queres ver ?

Amor que pode , etc.

JOSINO.

Ordena o munho que amor ,  
Ceda no peito ao dever,  
Faltar ao dever he crime ,  
He fraqueza a amor ceder.

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Amor para quem bem ama,  
He tudo, he gloria, he dever,  
Quem tem alma independente,  
Porque hade ao mundo ceder?

Amor que pode, etc.

JOSINO.

Dizes que o pejo ofenderas  
N'um só favor conceder,  
He martirio ver os gostos,  
E toca-los não poder.

Amor que pode, etc.

MARILIA.

Amor não sente o que aspira  
As leis do pejo ofender,  
A quem amor só não basta,  
Não sabe amor conceber.

Amor que pode, etc.

JOSINO.

Se assim fosses não me viras  
Em zelos crueis arder ,  
Nem vira o rival qu'odeio ,  
De meu mal escarnecer.

Amor que pode , etc.

MARILIA.

Zelos deslumbrão os olhos  
Com eles se vé sem ver ,  
Ouve amor , e vé que os zelos  
Nos envenena o prazer.

Amor que pode , etc.

Queixemos-nos pois da sorte  
Que desgraçados no quer ,  
Mas do destino a despeito  
Amemos a the morrer.

## IMPROVISO.

AGRO em teu doce tens, hes mal saudade!  
 Hes má, que lembras o que haver não posso.  
 E a tua mentiroza companheira  
 A Esperança, não bem, promessa d'ele.  
 Se vós queridas sois dos desgraçados,  
 He que a sombra do bem, ao bem semelha;  
 Julga-se o bem chegar, se o bem se espera.  
 Mentiras sois, porem gratas mentiras;  
 Queridas inimigas, enganai-me!  
 Espelho d'alma que o prazer passado  
 Representas tão bem, pinta Marilia!  
 Pára na boca, a boca! ó ceos! e posso!...  
 Tocas tão perto o bem se hes mal saudade,  
 Que he mal que sempre quero, oh! não me deixes!  
 Quando a pós Phebo a Irman côm lús macia,  
 As ondas prateando, ao pé do arroio,  
 No suspiroso bosque, vens falar-me,  
 Que suave langor derramas n'alma?  
 Oh! que força gostosa o peito inclina  
 Para o d'amada auzente! Como acodem  
 Os affectos nas azas da lembrança?  
 Oh! que feliz engano! he doce o pranto

Que iluso coração remete aos olhos !  
Se es mal, gosto do mal ; pára não fujas ;  
Pára n'esse momento em que Marilia,  
O primeiro favor.... Saudade escuta,  
Aceita os versos meus, Marilia os veja,  
Leia em meu coração, meus versos lendo.  
Amor e Venus são paixões diversas,  
Venus e não Amor sente a alma impura.  
Delicado sentir, Amor, que inflama  
Os Deoses, os Heroes, que por Marilia  
Todo me eleva em nobres pensamentos,  
Não tem toque de crime, he qual Marilia,  
Tem feições da Virtude, he dos Ceos filho.

A PARTIDA.

CANÇONETA IMITADA DE METESTASSIO.

1812.

Eis o fatal momento,  
Minha Marília adeos,  
Longe dos mimos teus  
Oh! qu'existencia ruim?

Mais bem não hei-de ter,  
Vou triste padecer,  
E quem sabe se mais  
Te lembrarás de mim!

Não verei mais o sitio,  
Sitio onde a vez primeira  
De amar, terna, e fagueira,  
Ouvir-te as juras vim.

Meus gostos busco envão,  
Lá deixo o coração,  
E quem, etc.

Quando me perguntaste  
Os olhos abaixando,  
Conheces.... Suspirando,  
Amor?... e eu disse, sim.

Nunca tão belo dia  
Me sahe da fantazia,  
E quem, etc.

Lembra-te aquella noite...?  
Como na luz macia,  
A Lua parecia  
Vestida de setim!

Ternissimos abraços  
Gozei entre os teus braços  
E quem, etc.

Lembra-te quando em zelos  
Teu peito lascerado,  
Para aplacar-te o enfado  
No erro teu convim?

No pranto que vertias,  
Mais linda parecias,  
E quem, etc.

Quando afastando os zelos,  
Ferindo um tanto o pejo,  
Na tua face um bejo,  
Deu aos enfados fim?

Jamais meu terno peito  
Sentio tão doce efeito.  
E quem, etc.

Não subirei o monte  
D'onde, ó meu bém, te via,  
Onde a Melancolia  
Fugindo do motim;

Do peito os ais soltava,  
E assim me consolava.  
E quem, etc.

Lembra-me na doença,  
Esse ár todo ternura,  
A tua formosura  
Mais enlevava assim.

Com um bejo os teus cabelos  
Me deste.... instantes belos!  
E quem, etc.

Mas porque os ares canso  
Com meus inuteis ais!  
Se algum dos meus rivaes  
D'Amor no galarim!...

Tem tanto de formoza,  
Quanto de caprixoza,  
E eu sei que nunca mais,  
etc.

Em quanto nos tormentos  
De minha infausta sorte,  
Das dores só na morte  
Espero alivio, e fim.

A nova chama cede,  
E a meu rival concede  
Quanto.... ai! que nunca mais.  
etc.

Se um dia amor de instantes,  
De amor puro, e celeste,  
Como de mim tiveste  
Souberes estremar;

Conhecerás o amante  
A quem foste inconstante,  
E qual de ti me lembro,  
De mim te às-de lembrar.

CANÇONETA.

No mar, indo do Rio de Janeiro para a Bahia.

1812.

BERÇO de Venus  
Mar proceloso,  
Ouve os suspiros  
D'um desditoso.

Meu peito em ancias  
Te imita undoso.

Sem ti Cyprina  
Jamais nascera,  
E amor o mundo  
Não conheceria.

Eu por Marilia  
Nunca sofrera.

Linda, inconstante,  
He tal e qual,

Marilia a Venus  
Em tudo igual.

Essa Marilia  
Que me fás mal.

Como em teu seio  
Travesso mar,  
Nasceo a cauza  
De meu penar,  
Assim a vida  
Te venho dar.

Os ceos se enlutão  
Jove dardeja,  
Tremem os polos,  
Noto es braveja.

Morte não poupes  
Quem te dezeja.

Eia Neptuno,  
Dobra o furor,  
Imitem vagas  
Dos ceos o horror.

Có a vida acabe  
Meu louco amor.

Lá chega a morte!  
Foge o tormento,  
Ó que suave;  
Doce momento!

Todo he Marilia  
Meu pensamento.

Extasis sinto,  
Tão deleitosos,  
Quaes.... quando os Deoses  
Fiz invejosos;

Quando teus olhos....  
Labios formosos!...

Contei por dias  
Os dias meus,  
Quando os querias,  
Quando erão teus.

Dispreza-os.... morro.  
Marilia, adeos.

Á UNS CABELOS.

Bahia, 1813.

ACUZAIS lindos cabelos  
Linda mão que vos cortou,  
E de vossos companheiros  
Para sempre vos privou.

Eles Marilia enfeitando  
Tem mais dita, mais beleza,  
Mas vós escolhidos fostes  
Como penhor de fineza.

D'aquela com quem me vistes  
Ser tão feliz, tão ditoso,  
Só vós me restaes: de nós  
Qual he menos venturoso?

De Marilia a frente ornastes  
Pouzaes no meu coração,  
Se perdestes na ventura,  
Ganhastes n'adoração.

Sobre o meu peito assim juntos,  
Junto a Marilia andareis,  
E em quanto o peito existir,  
Sobr'ele reposareis.

Mas eu.... formosos cabelos!  
Como vivo, e então vevi!...  
Lembraivos, que testemunhas  
Vos sois do bem que perdi.

IMPROVISO.

Bahia, 1814.

*Minha Lira malfadada  
Lira do meu coração,  
Ao tempo ficaste exposta,  
Ao de sabrido suão.*

Suspendida n'esse tronco  
Para sempre abandonada,  
Vive triste como eu vivo  
Minha Lira malfadada.

Vibrar-te as cordas não ousa  
Minha a mortecida mão.  
Somos ambos desgraçados  
Lira do meu coração.

Do que vales se Marilia  
D'escutar-te já não gosta?  
Depois qu'ela te despreza,  
Ao tempo ficaste exposta.

A vós, que meiga dizia,  
Lhe falava ao coração,  
Hoje dís que rouca imita,  
Ao desabrido suão.

---

Á FLÓR SAUDADE.

Bahia, 1814.

VEM cá, minha companheira,  
Vem triste, e mimosa flor,  
Se tens de saudade o nome,  
Da saudade eu tenho a dór.

Recebe este frio bejo,  
Bejo da melancolia,  
Tem d'amor toda doçura,  
Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marilia?  
Dize, onde um bejo te deu?  
Mostra o lugar, n'ele quero  
Dar-te outro bejo meu.

Se Marilia quer que exprimas  
O qu'ela sente por mim,  
Porque murchas? Não me lembres  
Que amor também passa assim.

Marilia em tudo te iguala  
Linda e delicada flór,  
Mas infeliz se em seu peito,  
Quanto duras, dure amor.

Tu venturosa cuidavas,  
Quando o meu bem te colhéo,  
Que morreras em seu seio,  
Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste em que Favonio  
Hia com tigo brincar,  
Em vés de orvalho te sentes,  
Só de lagrimas banhar.

Flor infeliz, porem eu,  
Quanto mais infeliz sou?...  
Nada te dice Marilia  
Quando ela a mim te enviou?

Ah! se tu saber poderas  
Quanto amor, quanta ternura,  
Se souberas das dilicias,  
Julgaras da desventura.

Mas que digo! não me creias,  
Não me vás atraçoar,  
Saudade, he crime d'Amor  
Seus misterios divulgar.

Á MARILIA.

Bahia, 1814.

Debalde ó roza pudica  
Desabrochas do botão,  
Debalde teu cheiro entornas  
N'esta morna solidão.

Ternos cantores dos bosques  
Debalde as voses trinaes,  
Não ha prazer que me agrade  
Eu só gosto de meus ais.

Sereno claro Jacuibe,  
Teu murmurio me importuna,  
Se d'ele gostava outr'ora,  
Outr'era a minha fortuna.

Nem mais me aprás ver com tigo  
Minhas lagrimas correr,  
Tu leva-las já não podes  
Onde elas devem ir ter.

Salgueiro a tua linguagem  
Qu'outr'ora eu tanto entendia,  
Hoje he muda, não a entendo  
Tua conversa enfastia.

Eia respondi-me todos  
Meus prazeres onde estão?  
De meus gostos que fizestes,  
Onde está meu coração?

Minha Marilia, onde está?  
Respoudei-me ó rio! ó flores!  
Se eu sou d'ela, e ela he minha,  
Quem me rouba os meus amores?

Ceo! se um rival em seu peito!...  
Não, não temas coração,  
Outros labios mentir podem,  
Porem os seus labios não.

Eles dicerão-me, eu te amo!  
E seus olhos mais dicerão,  
Ó meu coração, bem sabes  
A impressão que em nós fizerão.

Sofre alguns momentos mais  
A saudade, a auzencia, a dór,  
Coração, mas não recees,  
Tal receio insulta Amor.

O juramento que guardas  
Formarão os olhos seus,  
Não jurão como os da terra,  
Os olhos que são dos ceos.

Oh! meu bem, apressa o instante  
Em que d'Hymenéo nos laços,  
Subamos ao céo d'Amor  
Eu nos teus, tu nos meus braços.

AOS ANNOS DE MARILIA.

Bahia, 1814.

EM quanto vês que te cercão,  
Tantos rostos refalsados,  
E com lizonja te dizem  
Frios termos estudados.

Errando por estes ermos  
O infeliz que te adora,  
Quando os mais fingem prazeres,  
De dór, e saudade chora.

Porque?... porque tu?... Não vamos  
Da cór da melancolia,  
Sombrear cores que devem,  
Brilhar em tão feliz dia.

Aceita sinceros votos,  
E nas azas do dezejo,  
Recebe, que d'alma parte  
Este carinhoso bejo.

Mais que ensenso o céo prefere  
A pureza da intenção,  
Tu que és meu céo, oh Marilia!  
Aceita o meu coração.

Marilia, sé venturoza  
Qu'eu seja, ou não, pouco val,  
Quem não se dá da fortuna,  
Tal vés sofrer saiba o mal.

Se és justo, ó ceo! venturosa  
Minha Marilia ha de ser,  
E de dilicia em dilicia,  
Seus annos hão-de volver.

Tão ditosa quanto he meiga  
Dá que seja amigo céo,  
Seja tão feliz Marilia,  
Quam desgraçado sou eu.

O ADEUS.

IMITAÇÃO DE METASTASSIO.

Bahia, 1814.

CHEGOU do adeus o instante  
Minha Marilia, adeus,  
Ai! que viver he morte  
Longe dos mimos teus.

Meu coração! ai! triste!  
Mais gosto não terás,  
E tu, de mim, quem sabe,  
Se mais te lembrarás.

Lá por agrestes selvas  
Saudosos passos dando,  
Irei por ti, Marilia,  
Aos montes perguntando :

Um dia, e outro dia  
Irei passando assim,  
Equem sabe se tu  
Te lembrarás de mim!

Verei, meu bem, mil vezes  
Aquele sitio amigo,  
A onde, ó minha vida!  
Fui tão feliz comtigo.

Lembranças cento, a cento,  
Hão-de matar-me em fim;  
E tu n'alguns instantes  
Te lembrarás de mim?

Às margens do Jacuipe  
Meus pés me hão-de arrastar,  
Por mais que fugir queira,  
Sei que lá heide ir dar.

Com suas mansas aguas  
Como heide conversar?  
Por ti, qu'eide dizer-lhe,  
Quando ele perguntar?

Sitio onde amor juramos  
No mais ditozo abraço,  
Onde o primeiro bejo  
Firmou d'amor o laço,  
Teu coração te explique  
Seu doce palpitar,

E como bem me lembro,  
Bem se hade ele lembrar.

Ah! lembrem-te os momentos  
Queridos dos Amores,  
Lembrem-te.... tu bem sabes....  
Lembrem-te os seus favores.

De ti já não duvido  
Sim, tu me amas, sim,  
E qual de ti me lembro  
Te lembrarás de mim.

---

AQ RIO JACUIPE.

1815.

CANÇONETA.

MANSO Jacuïpe  
Rio saudoso,  
Ouve os queixumes  
D'um desditoso.

Viste-me alegre  
Ve-me choroso.

Tinha jurado  
De Amor zombar,  
E nova jura  
Venho hoje dar,  
Quem vio Marilia  
Jura de amar.

Antes de vê-la  
O gosto, ou dór,

Qu'em mim sentia,  
Não era amor.

Hoje arde o peito  
Sou todo ardor.

Hoje he que sinto  
Essa ternura,  
Que só Marilia  
Tem na candura,

Mimo dos céos,  
Don d'alma pura.

Já lhe fis dote  
Do coração,  
He seu, quer ela  
Aceite ou não.

Em bora chamem  
Erro, ou razão.

Morro se d'ela  
For desprezado,

Jacuípe amigo  
Ahi tens meu fado,

Ahi tens a sorte  
D'um desgraçado.

Perdendo a vida  
Cessa o penar:  
Porem Marilia  
Onde hade achar,

Quem, como eu amo,  
A saiba amar?

O nome e a jura  
Qu'eu a ti digo,  
Só o Marilia  
Ó rio amigo,

Dize, se um dia  
Falar com tigo.

E vós Favonios  
Que assim brincaes,

Quando ao pé d'ela  
Brando adejaes,

Dizei-lhe ao ouvido  
Que sois meus ais.

Placida limfa  
Que lá vás ter,  
No teu murmurio  
Convida-a a ver

Lagrimas que ela  
Me fás verter.

---

IMPROVISO.

Hes, Amizade entre os homens  
Dos ceos o melhor presente,  
Más um não sei que te falta,  
E o coração he que o sente.

Amor tu hes a dilicia  
A gloria da humanidade,  
Mas o « não sei que » te sobra,  
Que nos falta n'Amizade.

Hymenéo só tu completas  
A humana felicidade ;  
Tens o que sobra em Amor ,  
Tens o que falta a Amizade.

---

RESPOSTA IMPROVISADA

DE C. G. LEDO. 1823.

DOCE Amor, não necessitas  
Dos enlaces de Hymenéo,  
Ele só he venturoso  
Quando goza o prazer teu.

Tu sopras a chama activa  
Que encendia o coração,  
Hymenéo apaga os fogos  
Que nutrirão a paixão.

Tu vives do enthusiasmo,  
E o Hymenéo da frieza,  
Ele hé um Deos parcial,  
Tu, o Deos da natureza.

RESPOSTA IMPROVISADA

DE R. F. DA COSTA.

BRANDA Amizade, o teu fogo  
Sempre accezo, e sempre igual,  
He d'alma doce alimento  
Nutre prazer immortal.

Corações e entendimentos  
Prendes com ditoso nexo,  
Tu nada tens de carnal  
Tu jamais destingues sexo.

Quer Amor, quer Hymenéo  
São escravos de ciume,  
Só em ti não tem imperio,  
Esse detestavel Nume.

RESPOSTA IMPROVISADA

PELO AUTOR.

DURA amor somente em quanto  
Dura da idade o verdor,  
Mas lá no insulto dos annos  
Com aidade foge Amor.

De Hymenéo castas doçuras  
Como os laços d'Amizade,  
Mais augmentão, mais se estreitão  
Quanto em nós mais crece a idade.

Basta um olhar, basta um rizo  
Para Amor alimentar,  
Hymenéo quer sentimentos  
Sabe na prole durar.

OUTRA.

MUI notavel differença  
Ha entre Hyménéo e Amor;  
A aquelle acompanhão Graças,  
A este adorna o pudor.

Hymenéo tem d'Amizade  
Quanto ella tem d'Amor;  
Hymenéo todo he brandura  
E Cupido he todo ardor.

De Hymenéo s'eleva a dita  
D'Amizade no fervor;  
No Hymenéo não ha delirio  
E não ha sem elle Amor.

---

AOS ANNOS

DA SENHORA D. MARIA DO CENACULO  
MADUREIRA.

Almada, 1823.

LONGE da patria querida,  
Dos amigos, dos parentes,  
De nossas afeições todas  
Por tão vasto espaço auzentes,

Boa Marcia, se teus mimos  
Tua bondade sem pár,  
Magico don não tivessem  
Da saudade acalentar

Se não foras, no desterro  
A que fomos condemnados,  
Se inda contassemos dias,  
Serião bem disgraçados.

Supre á esposa, supre aos filhos  
O teu feiticeiro agrado,  
Da familia os doces mimos,  
Da patria o conchego amado.

Na saude encontram rizo,  
E na doença desvelos;  
A ti Marcia devo adita  
De assim satisfeitos vé-los.

Muito alem teus modos, Marcia,  
Vão, da fagueira amizade,  
Sim, tens do céo, não me engano,  
O querque he da divindade.

Á Phebo que baixa as vezes  
A vir conversar com migo,  
Fui pedir que m'inspirasse  
Para m'explicar com tigo.

Quis cantar-te, porem ele  
Tirou-me a lyra da mão  
Dizendo, a Marcia só quadrão  
As vozes do gratidão.

Manda aos ceos ferventes preces  
Para que a bem dos mortaes,  
D'entre nós Marcia, não levem  
Para os Anjos seus iguaes.

E qual no seu natalicio  
Vem no anno a mão da Era <sup>(1)</sup>  
Fechar as portas do Inverno,  
Abrindo as da Primavera.

Fujão do inverno da vida,  
De sua vida os rigores,  
Os seus annos engrinaldem  
Da Primavera os primores.

E eu co' a esposa, eos filhinhos  
Em quanto tivermos vida,  
Diremos que um Anjo achamos  
Na patricinha querida.

---

(1) 20 de março.

IMPROVISO.

Ao motivo dado por uma Senhora na seguinte  
cantiga.

Lisboa, 1823.

FOSTE falso e fementido  
Enganaste o peito meu,  
Se já te não correspondo,  
A culpa não tenho eu.

Tenho aminha liberdade  
Já respira o peito meu.

O juramento recorda  
Que deste em nome do céo,  
Se a ele foste perjura,  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

E mesmo assim quanto tempo  
O coração combateu!

Se a razão pode vencelo,  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

Quantas vezes de meus olhos  
Amargo pranto correo!  
Se hoje rio satisfeito,  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

Tua vista no meu peito  
Muito bem meu amor leu,  
Se então não me captivaste,  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

Vi qu'eras uma volúvel  
A quem nunca amor prendeu,  
Se te dóe que te não ame  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

Menina s'isso não basta  
Para desengano teu,

Queixa-te de quem quizeres,  
A culpa não tenho eu.

Tenho, etc.

E se meu concelho queres,  
Foge d'amor que he Judeo,  
Fere, e dis rindo das dores,  
A culpa não tenho eu.

Tenho aminha liberdade  
Já respira o peito meu.

---

Pedindo uma Senhora ao Autor que fosse portador de versos que á outra oferecia, a acompanhou-os com o seguinte.

### IMPROVISO.

Almada, 1823.

MERCURIO bem que Deos seja  
Emprego não tem capás,  
Eu sempre achei pouco airozo  
Oficio de leva, e trás.

Porem como tudo mude,  
Tenho mudado tambem;  
E o que hontem feio julgava,  
Hoje me parece bem.

Francilia louvou a Alcipe,  
E quer que de seu louvor,  
(Muito pago estou da escolha)  
Eu vá como embaixador.

Alcipe, ahí tens lindos versos,  
De justiça e de razão,  
Ser neste cazo Mercurio,  
He bem gostosa função.

---

No decimo quinto dia de uma grave molestia , improvisou  
Alcipe a seguinte.

RESPOSTA.

Almada, 1823.

COM tanto desdem não trates  
O Numen do caduceo ;  
Sempre d'ele se fiarão  
As embaixadas do céo.

Seu emprego te pertence  
Por teus dotes immortaes ;  
Bem vés que não ha no mundo  
Mais altas credenciaes.

Por ordem d'uma camena ,  
Aquele emprego assumindo ,  
Trazes para coroar-me  
Mimosas flores do Pindo.

Em troca do dom sublime  
Com que alegrias esta selva,  
Só pode Alcipe entregar-te  
Quaze murcha, humilde relva.

Junto a planta tão rasteira  
A minha empenada lyra,  
Que ha muito se algum son forma  
Melancolia suspira,

Esta dadiva mesquinha  
Nas mãos de Francilia offerta;  
No adormecido instrumento  
Verás, como os sons desperta.

Verás que seu estro ardente  
A rustica planta aquece,  
E logo (mucha em meus Lares)  
Junto d'ella reflorece.

Se deste milagre hes cauza  
Que sorte haverá melhor,  
Quando a gloria de Francilia  
Deriva de embaixador?

ALCIPE,  
Senhora Condeça d'Oyenhausen.

AO SENHOR D. B. DE B.

Lisboá, 1823.

CEDENDO ao suave impulso  
Da mais viva gratidão,  
Teimoza negando ouvidos  
A sizuda reflexão.

Fui as copias que exigistes  
Douto B.... começar,  
De Alcipe aos sublimes versos  
Os meus versos pondo a pár.

Eis quando as primeiras letras  
Apenas formado havia,  
A meu lado assomar vejo,  
O Numen que rege o dia.

Louca mortal atrevida,  
Me diz cheio de furor,  
Com tanta ouzadia abuzas,  
Do meu celeste favor?

Da Lira sempre discorde  
Que apenas sabes ferir,  
Imaginas que te he dado  
Roucos sons fazer ouvir ?

Não basta louca, não basta  
Hires sem minha licença,  
Rudes trovas sem conceito  
Mandar de Alcipe á presença ?

Queres estas mesmas trovas  
De Alcipe aos versos juntar,  
Ea B...., ao meu dilecto,  
Hir novamente inviar ?

Não te acobardas in cauta,  
De pejo não estremecees ?  
Apresentando a seos olhos,  
Louvores que não mereces ?

Temeraria, deixa a empreza  
Ou não contes mais comigo,  
Se não para experimentares  
O mais severo castigo.

Receias que elle te julgue  
Esquecida, ou perguiçoza?  
Antes te chame esses nomes,  
Do que te chame vaidosa.

Meigo Nume.... quiz dizer-lhe,  
Porem não me quiz ouvir!  
Foi-se e deixou-me perplexa,  
Sem me saber decidir,

Diz-me agratidão, de hum lado,  
Que os versos vá escrever,  
De outro lado a razão grita  
Que tal não devo fazer.

Porem como no meu peito  
Tem seu templo agratidão,  
Faço o que ella me a concelha,  
Ponho de parte a razão.

Eia acomeçada obra,  
Sublime B..., prosigo,  
Conheço que o devo, e quero  
Dezempenhar-me com tigo.

Dos meus versos, dos de Alcipe,  
Eis ahi a copia exacta :  
Antes me julgues vaidosa,  
Do que me julgues ingrata.

FRANCILIA ( Pussolla ).

---

RESPOSTA DO AUTOR

A FRANCILIA.

Aos tristes tambem a sorte  
As vezes compadecida ,  
Manda algum bem que disfarce  
Os amargores da vida.

Liberal deo-me em teus versos  
Balsamo consolador ,  
Inda mais, deo-me ufania ,  
E desprezo pela dór.

Vi, teus versos lendo outr'ora;  
Essa meiga suavidade,  
Esse magico descuido  
Que lembra sublimidade.

Quando pintas a Beleza,  
Eu penso que t'estou vendo,  
E quem tratará contigo,  
Sem ficar por ti morrendo ?

Finos toques a que o homem  
Foi prohibido chegar,  
Dado as poucas do teu sexo,  
Felices em te imitar.

Tantos talentos, e graças  
Reunir sem pretensão,  
Eis o espirito sublime,  
O timbre da perfeição.

Dizia eu, quando ainda  
Os teus versos maviosos  
Me não tinham dado a gloria,  
De ter tantos invejosos.

Hoje que com teus louvores  
Todo me sinto vaidoso,  
Quis cantar-te publicando  
Meu destino venturoso.

Mas a lyra a longo tempo  
A tristeza abandonada,  
Responde rouca aos esforços  
Da mão tremula, e pezada.

Alcipe cante a Francilia,  
Oicão-se cantos iguaes,  
Contrasta o canto das Deosas,  
Có a rude vós dos mortaes.

De ti Francilia suave,  
Hajão meus versos perdão,  
Suprão faltas de poezia  
As sobras da gratidão.

Tendo o Autor defendido os direitos do belo sexo, recebeu,  
entre outros mimos, os seguintes versos.

LISBOA, 1823.

PARA que os homens podessem  
Os velhos vícios mudar,  
Fora preciso primeiro  
Có a raça de hoje acabar.

He já coiza tão comun  
Nosso sexo desprezar,  
Que paixão do espanto á mófa,  
Se alguém ousa em nós falar.

Athe já li que doutores  
Atreverão-se a negar,  
Que dentro dos nossos corpos  
Alma podesse habitar.

E ha quem nossos direitos  
Ouse a foito declarar?  
Ou não creio, ou foi um Anjo  
Que ao mundo dignou baixar:

Não prodús nosso emisferio  
Um ente tão singular,  
Se he mortal, veio do outro,  
Não se me dá de apostar.

Venturosas Brasileiras,  
Como será doce amar  
No vosso paiz, se os homens,  
Como este, sabem pensar?

Permeti que a vós me una  
Para uma flor ajuntar,  
Á coróa com que a B....  
Deve o nosso sexo honrar.

OSMIA.

---

RESPOSTA DE UMA SENHORA

À UNS VERSOS DO AUTOR.

MODESTE favori des filles de Mémoire,  
Qui sembles ignorer et mépriser ta gloire,  
O toi, dont les accens toujours mélodieux  
Savent si bien parler le langage des Dieux!  
Qui, d'un pas assuré, gravissant le Parnasse,  
T'asseois près de Tibulle, et non distant d'Horace,  
Quand pour lire mes vers tu quittes tes vallons,  
Au lieu de me louer donne-moi des leçons.

---

## CONCELHOS DADOS AO AUTOR

POR UMA SENHORA.

QUELS désirs insensés oses-tu donc former ?  
Es-tu las du bonheur, puisque tu veux aimer ?  
Connais-tu ce poison qui court de veine en veine,  
Qui fait rougir, pâlir, trembler, sentir la haine ?  
La jalousie enfin !... O Dieux ! cruels tourmens !  
Ce monstre, qu'Alecton a porté dans ses flancs,  
Suivante de l'amour, sa compagne fidèle,  
Ne te quittera plus ; tu verras autour d'elle  
La rage, les soupçons, le sombre désespoir ;  
Tu croiras sans entendre, et tu verras sans voir :  
Un mot, un mouvement, le silence lui-même  
Paraît un crime horrible, un odieux blasphème...  
Non, garantis ton cœur de ce supplice affreux ;  
Végète indifférent si tu veux être heureux.

EPISTOLA

escrita pelo Senhor P. J. de Mello ao Autor,  
então em Paris.

Lisboa, 1º de outubro 1805.

Ah! vem deliciosa variedade  
Acode-me có teu risonho enleio,  
E borrifa de agrado estas rabiscas.

PHILINTO, *à Variedade.*

TOCA a patronear amigo B.....,  
Solte-se fio á lingua, e semiemos  
No argenteo campo descosidas voses,  
Taes quaes as for mandando Mnemosyne  
Ao vão da testa d'onde á penna descão.

Assim plantava inumeras herdades  
Amplas herdades de opulenta margem,  
O filho de Francisco, antes de Ignacio;  
Esse que as Theses alcunhou. — Rugidos,  
Do Lião de São Marcos, literarios.

Não ser prometo na extensão Macedo,  
Mas tal vés na intensão Macedo seja.  
Vá d'Historia, Bandarra dos Bandarras;  
Fita as orelhas, escancara a bocca,  
Encruza os braços, e calado, e atento  
Ouve quanto narrar te quer a Muza.

Era o anno meiado, e o loiro Phebo,  
Da cupula azulada ardentos raios  
A pino contra a terra dardejava;  
Quando se escuta do atabale o eco.  
Casar-se ao som da rouca charamella:  
Alvorocado o povo corre em barda,  
Guapas moçoilas as janelas pêsão,  
Eo foguete arrojado que se embebe  
Do ár pela planice, e lá rebenta,  
Abre nos corações stadio largo,  
Por onde almo prazer entra de golpe.

Que seria, meu rico, que seria?  
Certo o não adivinhas; e o aposto,  
Era o cirio, que a mui miraculosa  
Imagem da senhora Santa Martha,  
He costume offertar de anno em anno.

Não pára aqui: affixão-se cartases,

Voão todos a lê-los, oh! ventura!  
Mascaradas, e Toiros se annuncião.  
Para a banda d'alem se muda a córte,  
Herma fica Lisbóa, e de Eva eu filho,  
Pelo vicio primeiro aguilhoado,  
Vou tambem na criança tomar parte.

Eis-me novo Argonauta demandando,  
Não o reino de Colchos mas Cacilhas,  
Cacilhas em que muitos vellocinos  
Descoucado Jason roubar podera.

Não tinhão os carolas, oh! descuido!  
Propiciado Eólo, e nem das aves  
Nos agoreiros vôos reparado.

Mansamente rasgava o curvo barco  
O seio ao Padre Tejo, eis de improvisio,  
Rugindo rompem da Cimeria gruta  
Os Tufões, as Rajadas, as Refegas,  
Trazendo á testa o furibundo Eólo:  
Aqui arrancão, acolá derribão.  
Esporéão Neptuno em seus dominios,  
E raivosos, e feros nada poupão,  
Em vingança do chefe estimulado.

Fôge do rosto a cór, e quaze foge  
 A esperanza dos peitos mais seguros :  
 Serras e serras s'erguem pavorozas,  
 Eo atribulado lenho em cova enorme,  
 Breve prezume ser acapelade.  
 Então de todo exangues, invocamos  
 Da festejada santa o patrocínio,  
 E subito, oh prodigio! oh pasmo! oh gosto!  
 Vemos fugir o dezabrido Eólo,  
 Do turbido cortejo acompanhado,  
 A sumir-se nos antros tenebrozos,  
 Onde é seu uzo arrebanhar os ventos.  
 Despe o Tejo á aspereza dos vestidos,  
 E azulado sitim sereno traja :  
 Volve aos nautas a cór, e vem com ela,  
 Aos inanidos peitos a esperanza :  
 Surde o batel veloz, e dentro em pouco,  
 No pontal nos achamos saons, e salvos.  
 Bem não tínhamos posto pé em terra,  
 Eis-nos ja rodeados de Garotos,  
 Que a profia ornejantes creaturas,  
 Impingir-nos querião mui lampeiros :  
 Aqui a cotovélo, ali a empurro,  
 Te que da rapazia gralhadôra  
 De todo livre, os passos endereço,  
 Apouzada d'un jarra de seis centos.

Donosas mocas me aguardavão lestes,  
 Para o festivo burrical passeio,  
 Que a modo de romagem pertendião,  
 Fazer a boa santa no seu dia.  
 Apenas mae lobrigão correm todas,  
 Ao topo da escada, a receber-me;  
 E mesmo ali, por que esperar não podem  
 Nem a curiosidade lho consente,  
 Inquirem de tropel: como chegára  
 Que tal fora a maré, se houvera susto,  
 Quantas pessoas vinhão, se era em bote  
 Se em fragata ou falúa, em fim tal grita  
 Tal azoinada em torno me fizerão,  
 Que victima quizera antes ter sido  
 Dos ventos irritados, que aturalas.  
 Sim, sim, maré de rosas, lhes respondo,  
 E sim a tudo mais foi quanto disse.

Entramos para a sal, vem licôres,  
 Querem todas beber, porque os sobejos  
 Bebendo-os eu, bebesse-lhe os segredos.  
 Oh fineza inaudita! oh regozijo!  
 Sempre o diabo as tente, que os taes restos  
 Deitarão para lá d'um bom quartilho.

Soão n'este entrementes quatro horas,

E sóa a vós geral. — Que dos burrinhos ! —  
 Salto eu como um gamo, saltão outros,  
 Eis-nos nõ pateo serviçaes Quichotes,  
 Cada qual para sua Dulcenéa,  
 Procura descobrir cavalgadura,  
 Que leve as lampas ás demais do rancho :  
 Em tanto ferve a santa lá por cima :  
 Antonia dá-me as luvas, ouves ? olha,  
 As verdes ; percebeste ? vem de preça.  
 Joaquina o meu leque, á pre co' a sorna !  
 Não achas ? Forte peste ! eu vou busca-lo.  
 Anda Rosina dis a Maen gaiteira  
 Á filha qu'inda busca certo dixê.  
 As mais estão montadas, vé se perdes  
 O favor destes guapos cavalheiros  
 Pelas tuas molezas do costume.

N'isto vinha descendo huma que os trinta  
 Á seis verões fizera n'este sitio,  
 Precioza do toque das que pinta  
 O Terencio Francés, com tanta graça.  
 Havia-lhe esquecido o chicotinho  
 Ou antes de proposito o deixára  
 Para ostentar linguagem d'alto bordo.  
 Descida meia escada se envieza,  
 E diz para a criada, em vós mui clara :

« Traze da guarda-roupa o meu *flagicio*,  
 Aliás este *ebrio* animalejo  
 Tem de ficar atrás dos mais *quadrupios*. »  
 Bravo! bravo! senhora Dona A...  
 Acudo eu, acodem os demais,  
 Isso he que he remontar-se! e ela ufana  
 Desce os degráos restantes, e presenta  
 Da albarda no coxin nafadas bebas.  
 Vámos que he tarde, clama em vão o jarra,  
 Da caza dono, sem que tal pareça,  
 Apezar das sangrias que na burra,  
 Por estas brincadeiras dá frequentes.  
 A perta este silhão uma dizia,  
 Outra amanhar os fatos ordenava,  
 Té que em fim sóa a vós.— Estamos promptas.—  
 Então sobre o jumento me escarrancho,  
 Encarapitão-se os demais Adonis,  
 E do pateo, á calçada nos passamos.

Como do tezo arco parte a seta  
 E do ár nas campinas rarefeitas,  
 O incola ferir vai n'um momento,  
 Tal o burrimontante secio bando,  
 Mais depressa que o demo esfrega um olho,  
 No sitio do folgado se apresenta.  
 Investem logo có a Hermida as Moças.

E vão rogar a virgem Santa Martha  
 Que do pezo virgineo as alivie,  
 Que hum tal ou qual marido lhes depare,  
 Porque o cazo não he ter bom marido,  
 Mas ter marido, que no dia de hoje,  
 He hum traste de luxo, em suma hum traste.  
 Concluida esta scena surdem fora,  
 E nós os campões no ádro á lerta,  
 Vamos ligeiros enganchar o braço  
 Na do que para nós os tem abertos.

Era o tempo em que os fervidos Etontes  
 Tocado havião já do occaso as portas,  
 E Thetis no regaço cristalino  
 Fresco repouso aos incalmados corpos  
 Com semblante fagueiro lhe offertava.  
 Do opposto lado o rosto a levantando  
 Vinha mui mansamente a meiga Phebe.  
 Macias virações brincavão ledas,  
 Do vizinho Pereiro co' as madeixas;  
 E os corações no peito embrandecidos  
 Aos de Amor feros golpes se entregavão.

Assim dispostos enfiamos prestes  
 O que á feira condús curto caminho,  
 Não tão curto que tempo não houvesse

Para vir á memoria dos amantes  
 A prenda que á Parceira dar devião.  
 Maldito seja o que inventou primeiro  
 Prendar senhoras por diversa guiza  
 Da que os nossos maiores praticavão.  
 Felpudo, historiado ramelhete,  
 Hum joelho por terra, huma fineza,  
 E outras ninharias deste lóte  
 Era quanto expendia a boa gente:  
 Oh costumes! oh tempos venturosos!  
 Que tão azinha d'entre nós partistes!  
 Quem vos não chorará? Quem não quizera  
 Picar-se antes das rosas nos espinhos,  
 Que d'uma mina tressuar na cava  
 Para extrahir ensanguentadas barras,  
 Com que do toucador em nossos dias  
 Compramos os tarecos corruptores!  
 Ah! meu caro Doutor, como são parvos  
 Os namorados d'esta ferrea idade?  
 Que Amor he liberal dizer ouvirão,  
 Mas não sabem que Amor não fas Quintellas.

Episodios porem abandonando,  
 Emendemos o fio a historia nossa,  
 E os coitados amantes contemplemos  
 Me tendo mãos ás engelhadas bolças:

Esta escolhe humanel, aquella um pente  
Huma quer hum toucado, est'outra hum leque,  
Em fim tanto apetezem, tanto feirão,  
Que as bolças quasi, quasi escorropichão.  
Aliviados pois do aureo pezo,  
Volvemos os mesquinhos Namorados,  
Em demanda da recua Zurradoura;  
Mais leves que uma penna nos lançámos  
Das podrés alimarias sobre o dórso;  
E partimos do sitio esconjurando  
A hora que ao tal sitio nos trouxera.  
Calados cabishaxos, e sombrios  
Trilhamos a estrada que nos vira  
Ha pouco alegres, falas trões, altivos.  
Em tanto as Raparigas que não sabem  
A causa do silencio desusado,  
Poltrões nos chamão, fracalhões, maricas,  
E com chufas nos tirão a terreiro.  
Necias que não atinão co' motivo!  
Mas em fim taes chalaças nos disserão,  
Desenvolverão pieguices tantas,  
Que nós mais distrahidos da massada,  
Na liça das graçolas nos metemos.  
Jucundo foi o resto do passeio,  
E convinha que o fosse porque a limpo  
A despeza tirassemos da Feira.

Eis-nos chegados ao portão da quinta  
Onde outra réde nos estava armada :  
Quicá não adevinhas? era a paga  
Dos malditos burrinhos e gurgétas :  
De novo nos cocámos, e com magoa  
Dos ultimos tosiões nos despedimos.

Era já tarde, e acalada noite  
Propicia á Venus convidava os pares  
A luta com que outr'ora povoarão  
Pirrha, e Deucalionte a herma terra,  
E... Mas chiton senhora Dona Clio!  
Attenda que o Doutor he chocalheiro,  
Embetesque no bucho o seu segredo,  
Alias tem deve-lo asso alhado.  
Bóia laia de Musa! Ei-la ja moita,  
E eu moita com ela : Adeos meu rico.

---

Partindo o Autor de França para a America, o Senhor Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio) lhe dirigio a seguinte

ODE.

Thebaida <sup>(1)</sup>, 14 de agosto de 1810.

Quid nos? quibus te vita sit superstitio  
Jucunda; si contra gravis.

HORAT, Epod. I.

Com magoa ouvi que partés, caro B.... <sup>(2)</sup>  
Deixas-me nestes êrmos,

---

(1) Era o nome que dava a Choisy-le-Roi, villa perto de Paris, onde então morava o poeta.

(2) Mande-me alguma poezia descriptiva das Terras de Cabral. O autor mandou-lhe logo a Epistola que se lé n'este vol, mas não deparou com o que lhe escrevéo do Brasil.

Saudoso, velho? e ameaçadora a Morte,  
    Brande ( não de mim longe! )  
A luzidã fouce : ágra a pobreza  
    De feia catadura,  
Co' as seccas mãos, me aperta o peito ansiado!  
    Em quanto o alivio tinha  
De receber teus versos, tuas prozas,  
    De em cambio remetter-te  
As minhas, socegava a séva frágua  
    De atribuladas penas,  
Com que o futuro me ennegrece os dias.  
    Mas, de mim quando auzente !...  
Afasta-te de mim, acerba ideia.  
    Vai B.... brandos Zéphyros  
Nas ázas teu baixel continuos tómem ,  
    E á patria te confiem <sup>(1)</sup>;  
patria, que contente os braços te ábre  
    Para te estreitar n'elles.

---

(1) Sic te Diva potens Cypri  
Sic frâtres Helenæ, lucida Sidera,  
Ventorumque regat Pater  
.....  
Navis, quæ tibi creditum  
Debes....

Verás o Páe, que te ama , e que respeitas  
     Os Irmãos, os Amigos <sup>(1)</sup>,  
 O tecto, o berço onde com rayo puro,  
     A ti recém-nascido,  
 Deu prima luz o sól. Quanto se prezão  
     Os bosques onde infantes,  
 Démos ténrinhos passos mal-seguros!  
     Comque prazer não vemos  
 Depois de largos annos de apartados,  
     Osque, na vérde idade,  
 Com nosco éráo no studo, éráo no jogo!  
     De tudo vás lograr-te,  
 E eu, apezar da dôr de ver-te ausente  
     Devóto aos ceos t'ó imploro.

FRANCISCO MANUEL.

---

(1) Lembranças a Antonio d'Araujo, Ferraz  
 e a Paulo Jozé de Mello com quem me ligou de  
 amizade a fama de suas virtudes, e os seus ex-  
 cellentes versos.

IMPROVISO

comque a Senhora Condessa d'Oeynhausen mimoseou ao Autor, lendo (em Almada 1825) a Cançoneta á Saudade que n'este vol. se vé.

Vem cá minha companheira  
Vem triste, e mimosa flór ;  
Se tens de saudade o nome,  
Da Saudade eu tenho a dór.

GLOZA.

A Parca em seu fuzo enrola  
Os meus afflictos instantes,  
Poem-me os prazeres distantes,  
E a fatal thesoura amola.  
Nem aumenos me consola  
Memorar a vida inteira ;  
Tudo fugio, que me resta!...  
Tu meditação funesta,  
Vem cá minha companheira.

Contemplando a natureza  
 Os astros, a terra, o céo,  
 Tudo, tudo esmorecéo,  
 Tudo amortece a tristeza.  
 Murchou do tempo a belleza  
 As boninas não tem côr,  
 Só tu conservas vigor  
 Saudade, que açouta o vento:  
 Symbolo do meu tormento,  
 Vem triste, e mimosa flôr.

Funesta flôr que não sentes  
 O que á vista significas,  
 Que hypocritamente explicas,  
 O que insensivel desmentes:  
 Não insultes descontentes,  
 Que a dór aguda consome:  
 Teme que vingança tome  
 O céo, d'esse atrevimento,  
 E que te desfolhe o vento  
 Se tens de Saudade o nome,

Nome que differe tanto  
 Da cruel realidade,  
 Como a sombra da verdade,

O céo dos sitios do pranto :  
Se gemo, se a voz levanto,  
Se inspiro aos mortaes terror  
He que o meu sedento ardor  
De Tantalo á sede excede,  
Com meu mal nenhum se mede,  
Da saudade eu tenho a dôr.

ALCIPE.

O Senhor Maciel Monteiro dirigio de Paris ao  
Autor (1824) sobre a mesma quadra, a seguinte  
gloza.

Vem cá minha companheira  
Vem triste, e mimosa flôr,  
Se teus de Saudade o nome  
Da Saudade eu tenho a dór.

GLOZA.

TRISTE flôr, muda expressão,  
De meu cordeal segredo,  
Hes hypocrita arremedo  
Do que sente o coração.  
Agreste solo, mansão  
De tua estirpe rasteira,  
Abandona, e vem ligeira,  
Dentro em meu peito encerrar-te,  
Com elle identificar-te  
Vem cá minha companheira.

No fatal apartamento  
Do meu ceo, Marilia amada,

Tu interpretas calada  
Meu lethal padecimento.  
Vem dar-me n'este momento  
Vivo, animado calor,  
Vem partilhar minha dôr,  
Meus instantes enlutados;  
Carpir commigo meus fados  
Vem triste, e mimosa flôr.

Com mera irritab'lidade  
Partilha dos vegetaes  
Sensações de dôr, e ais  
Exprimes, ó flôr saudade!  
Se animal sensib'lidade  
A natura em ti não some,  
Minha alma qu'amor consome  
Tu hes, ou hes copia d'ella;  
Hes a dôr que me flagella  
Se tens de Saudade o nome.

Emblema do disprazer  
Qu'auzencia motiva, e gera,  
Minha afflictiva dôr, fera  
Fingida pareces ter.  
Melancolica ao te ver

Do meu mal cresce o rigor;  
Se me avistas terna flôr  
Dobras tua solidade :  
Tu te appellidas Saudade  
Da Saudade eu tenho a dôr.

SONETO

REMETIDO DA BAHIA AO AUTOR

EM 1825.

ASSIM Franklin usou, quando pugnava  
Da patria pela o pressa liberdade.  
Tal com Washington da immortalidade,  
Pelo espinhoso trilho caminhava.

...upas o lugar que elle occupava,  
...no elle defensor da humanidade,  
...anhas B... igual celebridade,  
...as a patria como elle amava.

...e teus cabedaes abandonando,  
...to aos pr'igos exposeste a vida;  
...para a gloria meia estrada andaste.

Quã forte espada, val, na Marcia lida,  
E politica a pluma que empunhaste,  
Por mim to diz a patria agradecida.

REMETIDO DO RIO DE JANEIRO

AO AUTOR EM 1825.

SE he doce a patria servir,  
E gentil morrer por ella,  
Consola bem nos trabalhos,  
Virtuosa esposa, e bella.

Lindos filhos como os teus,  
Incitão da gloria o amor:  
O Brasil conta com tigo,  
Não se dá melhor penhor.

Taes prisões, e os cabedaes,  
São que gerão patriotismo,  
Juntando-lhe o brio, e luzes,  
Sobe a mais, toca o heroismo.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

# INDICE

## DO TOMO PRIMEIRO.

---

	Pag.
Ode ao S <sup>r</sup> M. R. Gameiro.	5
á meu Pai.	7
ao nascer do Sol.	9
á Noite.	12
á Saudade.	15
á Marcia.	17
á Beleza.	19
á Madrugada.	22
ao chegar a Bahia.	25
á Senhora D. G.	27
ao S <sup>r</sup> V. Navarro.	29
á Esperança.	31
á Melancolia.	33
á Gratidão.	36
á Virtude.	38
á Amizade.	41

Epistola ao S <sup>r</sup> P. J. de Mello.	43
ao S <sup>r</sup> Francisco Freire.	49
ao S <sup>r</sup> D <sup>r</sup> F. E. D. da Silveira.	52
ao S <sup>r</sup> M. R. Gameiro.	55
á meu Pai.	58
á Filinto Elysio.	61
ao S <sup>r</sup> M. R. Gameiro.	65
Epigrama.	71
Convite á M. Delille.	72
Tradução por M. Le Mazurier.	75
Epigrama.	74
Quintilhas ao Tabaco.	75
Quintilhas á Cupido.	82
Oitavas.	87
Gloza.	90
Epicedio.	95
Quadras á um Amigo.	99
Soneto.	102
Descrição de uma Tempestade.	105
Á um acazo, Madrigal.	107
Á um sonho, Madrigal.	108
Acrosticos.	109
Epigramas.	110
Improvizo.	111
Aos Amigos.	114
Cantigas improvizadas.	116

Á uma Senhora no dia de seus annos.	118
Á uma Menina.	119
Acrosticos.	120
O Contraste , Cançoneta.	121
Ao Salgueiro chorão , Cançoneta.	124
A Vingança , Cançoneta.	129
Aos annos de uma Senhora.	132
Aos Bahianos, na abertura do seu novo theatro.	133
Josino e Marilia.	138
Improviso á Saudade.	143
A Partida , Cançoneta.	145
Ao Mar , Cançoneta.	149
Á uns cabelos.	152
Quadras improvisadas.	154
Á Flor Saudade , Cançoneta.	156
A Marilia.	159
Aos annos de Marilia.	162
Adeos , Cançoneta.	164
Ao Rio Jacuípe , Cançoneta.	167
Improviso.	171
Resposta ao Improviso do autor.	172
Outra resposta.	175
Resposta do Autor.	174
Outra resposta.	175

Aos annos da Senhora D. M <sup>a</sup> do Cenaculo Madureira.	176
Improviso a um motivo.	179
Á S <sup>ra</sup> Condessa d'Oeynhausén, improviso.	182
Resposta ao improviso.	184
Francilia ao Autor.	186
Resposta do Autor.	190
Osmia ao Autor.	193
Resposta de uma Senhora ao Autor.	195
Concelhos dados por uma Senhora ao Au- tor, em francés.	196
Epistola do S <sup>r</sup> P. J. de Mello ao Autor.	197
Ode de Filinto Elysio ao Autor.	208
Quadra do Autor glozada pela Senhora Condessa d'Oyenháusen.	211
A mesma quadra glozada pelo S <sup>r</sup> Maciel Monteiro.	214
Soneto mandado da Bahia ao Autor.	217
Quadras mandadas do Rio de Janeiro ao Autor.	218

# ERRATA

## DO TOMO PRIMEIRO.

---

Pag.	verso	erros	emendas
32	11	dos	de
34	6	feitieira	feiticeira
34	7	emqu	quando
39	18	conduio	conluio
45	12	es gotado	esgotado
46	1	nudita	medita
46	6	queda	quadra
49	lin. 1	Friere	Freire
49	14	aescaes	escacez
50	12	prestanas	pestanas
53	1	tersueto	ter sueto
55	4	tomas	tomou
63	16	pena	penna
64	3	no	não
67	3	tuda	tudo
77	19	paz	por
78	19	Roma	Romana

Pag.	verso	erros	emendas
82	10	a lado	alado
85	18	có essa minha igual	có essa gente min ha igual
88	20	penna	pena
112	7	vaguedo	vagueado
115	3	a terra	aterra
115	21	amão	a mão
135	6	la	da
137	10	condivão	convidem
142	12	no	nos
150	14	es braveja	esbraveja
169	13	o	a
173	10	de	do
177	16	do	da
185	linha ult.	Condeça	Condessa
201	18	sal	salla
202	10	a pre	apre
205	25	me tendo	metendo
206	1	humanel	um anel
207	14	asso alhado	assoalhado

+







